

ultimato



Felipe Fulanetto e Lissânder Dias, Org

VOCAÇÃO E JUVENTUDE

A fascinante jornada entre ser e o fazer

Felipe Fulanetto e Lissânder Dias, Org

VOCAÇÃO E JUVENTUDE

A fascinante jornada entre o ser e o fazer

ultimato 

VIÇOSA|MG

VOCAÇÃO E JUVENTUDE

Categoria: Ética | Missão | Vida cristã

Copyright © Editora Ultimato
Todos os direitos reservados

Primeira edição eletrônica: Julho de 2015

Capa: Neriell Lopez

Diagramação: Bruno Menezes

Formato: PDF

ISBN: 978-85-7779-134-7

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORIA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Apresentação

PARTE 1 - VOCAÇÃO: O QUE É?

1. Viver a vocação valida a vida
Christian Gillis
2. Nossa identidade, nossa vocação
Ricardo Barbosa
3. Discernindo e exercendo a vocação com humildade
Ricardo W. M. Borges
4. Entre o ser e o fazer
Felipe Fulanetto
5. Missionário: maluco, mártir, mendigo ou o quê?
Antonia Leonora van der Meer

PARTE 2 - À PROCURA DA VOCAÇÃO: HISTÓRIAS DE QUEM DESCOBRIU A VOCAÇÃO

6. “Pastoreie essa juventude!”
Calebe Ribeiro
7. Vocação de ficar
Katsue Fernanda

8. “Valeu a pena!”
Felipe Fulanetto
9. Vocação ao ensino
Leandro de Carvalho
10. “Quando eu pensava em missões, tinha muito medo”
Sarah Breuel
11. Rock, juventude e chamado
Luke Greenwood
12. Jovens que contribuíram para a evangelização do Brasil
Elben M. Lenz César

PARTE 3 - DÚVIDAS

13. Perguntas e respostas sobre vocação

PARTE 4 - UM MOVIMENTO PELA VOCAÇÃO CRISTÃ

14. Vocare
Conselho Gestor do Movimento Vocare
15. As agências missionárias ainda são necessárias?
Cassiano Luz
16. Ferramentas para vocacionados

APRESENTAÇÃO

“**V**ocação e Juventude: a fascinante jornada entre o ser e o fazer” é mais um e-book que a Ultimato oferece gratuitamente aos leitores e leitoras do Portal. Com isso, queremos ajudar na edificação da igreja brasileira e na transformação de vidas.

Reunimos artigos e histórias de gente, de gerações diferentes, comprometida com o reino de Deus. Você vai aprender conceitos, mas também vai ser encorajado com histórias fascinantes de jovens que descobriram sua vocação.

O subtítulo deste e-book coloca dois verbos (“ser” e “fazer”) em aparente contraponto. Mas, na verdade, é mais correto afirmar que ambos estão inseridos em uma *jornada*, um caminho, uma trilha de fé no Deus que fala conosco em todas as circunstâncias. É bem verdade, no entanto, que o verdadeiro “ser” redundando em “fazer”, senão não passaria de subjetivismo. Ao mesmo tempo, a substância do “fazer” está no “ser”, porque é da relação sincera e íntima com

Deus que conseguimos ter intenções corretas para exercer nosso trabalho no mundo que Deus criou e que nos incumbiu de cuidar (Gn 1). Deus nos chama para sermos dele, integralmente. Deus nos chama para amá-lo de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento, e de todas as forças (Mc 12.30).

Junte-se a nós nesta jornada! Você nunca mais será o mesmo.

FELIPE FULANETTO E LISSÂNDER DIAS

PARTE 1

VOCAÇÃO: O QUE É?

CAPÍTULO 1

VIVER A VOCAÇÃO VALIDA A VIDA

Vocação e profissão não são sinônimos. Vocação é aquilo a que somos chamados a ser e a realizar, enquanto gente, tanto coletiva como individualmente.

Vocação tem relação com o sentido que Deus atribui a tudo que Ele mesmo cria. É Deus quem dá nome, identidade e significado àquilo que Ele constitui no universo. Deus cria tudo com bons propósitos e estabelece o cosmos com a intenção de promover o bem, a graça e fazer o amor transbordar.

Encontrar-se com o fluxo de vocação estabelecido por Deus para a humanidade no princípio é reencontrar o chamado básico, aquilo que produz senso de realização e autentica a existência. Há

pelo menos dois aspectos a ser considerados aqui: o denominado mandato cultural e o mandato missional.

MANDATO CULTURAL

À humanidade - representada naquele primeiro casal, constituído com igual dignidade, conjuntamente chamado e igualmente investido na corregência da Terra-jardim - Deus profere uma bênção que também indica sua vocação: «sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e dominai a Terra».

A identidade de gênero, a sexualidade, o casamento, a família, a sociedade, as nações, o cuidado com meio ambiente, o trabalho, a economia, a governança política, a cultura e a espiritualidade estão contidos na bênção-vocação comunicadas por Deus à humanidade como um todo (mandato cultural) e que permanece essencialmente inalterada desde as origens. Responder à convocação divina e cumprir a agenda proposta pelo Criador como pessoas, por meio do corpo, na história, nas interações uns com os outros e com a Terra é encontrar o sentido básico para a existência humana, pessoal e coletiva.

Idealmente é isso. Basta discernir e seguir o rumo da vocação designada pelo Criador, com a liberdade de escolha também graciosamente concedida. Originalmente, está tudo muito bem configurado no universo; o meio ambiente está em harmonia e há alimento e a justa provisão para todos. Entretanto, surgem elementos desagregadores, que instilam dúvidas em relação ao projeto celestial. Fundamentalmente, foi semeada uma desconfiança básica: a de que o Criador não teria compartilhado o melhor; que existiria uma posição de inferioridade e falta de liberdade; e surge, então, uma ambição na alma por ser mais do que aquilo para o qual se foi constituído. Ato contínuo, uma ruptura e desordem cósmica se introduzem no coração e em todas as relações do ser humano, que tumultuam o senso da vocação humana essencial.

Muito da crise vocacional contemporânea, vivenciada tanto por jovens, como por gente de meia idade frustrada em meio de carreira, está relacionada com a pretensão por estabelecer-se existencialmente de modo desconexo com a vocação e a ordem configurada pelo Criador. Escolhas sob as pressões do mercado, independente de considerar os valores básicos do reinado de Deus, são aposta certa na insatisfação. A vida humana plena consiste em muito mais do que no acúmulo de bens. E ganhar o mundo todo e perder a alma é um despautério. Assim, o coração só se satisfaz existencialmente quando encontra e caminha no roteiro definido por Deus mesmo, isto é, na descoberta do chamado divino. Viver tão somente para si mesmo é perder a vida (desperdiçar a existência).

Encontrar a vocação é o reencontro com a orientação divina fundante e com o chamado para restaurar todas as coisas sob o reinado dinâmico de Jesus.

O reino de Deus é eterno e não é abalado pelas sazonalidades da rebeldia humana ou angélica. Deus, terapêutica e redentoramente, de contínuo chama a humanidade de volta, reorganizando a situação de crise e desajuste, proporcionando graciosamente a promessa-vocação, que traça o curso de salvação da deterioração introduzida na história pelo pecado humano (mandato cultura).

MANDATO MISSIONAL

A vocação humana básica permanece (mandato cultural), não sendo modificada na sua natureza, embora alguns aspectos sofram ajustes. Surge, porém, uma nova dimensão da vocação, que é a participação no serviço ao resgate e reordenamento da criação corrompida (mandato missional). Deus mesmo, em Cristo, entra no mundo para reconciliar todas as coisas consigo, reunindo-as sob o senhorio de Jesus.

É provável que a maior parte do problema quanto à crise de vocação, sentido e significado da existência decorra do receio e da desconfiança de que o plano projetado por Deus seja mesmo bom. Entretanto, sintonizar-se previamente à agenda do reino de Deus é exatamente a plataforma para as posteriores escolhas que trazem realização quanto ao trabalho, à profissão e à carreira.

Quanto ao aspecto da escolha profissional há total liberdade, salvo excepcional convocação específica. Cada um pode fazer o que quiser, conquanto que faça com as mãos o que seja bom (Ef 4.28). A escolha é livre dentro de parâmetros éticos do que seja o bem da criação, da sociedade e de si mesmo. O trabalho deve produzir saldos positivos, que permitam a manutenção própria e da família. O propósito do trabalho, entretanto, vai além do cuidado dos seus, do desfrute e do acúmulo; ele visa ajudar e abençoar também aos que estão em volta, e que, por alguma razão, estão necessitados. Assim o que recolhe muito fruto não fica com demais e, a quem colheu pouco, não falta o pão.

Do ponto de vista do governo de Deus, é a descoberta e o cumprimento dos mandatos divinos (cultural e missional) que importa. O que tem valor é cumprir tais mandatos onde quer que se esteja, com o cônjuge que se tiver escolhido, na carreira pela qual se tenha optado. Os aspectos exteriores e formais são secundários (conquanto que sejam «bem»!). O que importa é a conexão com o reino de Deus e o propósito essencial de cumprir a vocação na esfera onde estiver colocado seja qual for a profissão.

É importante salientar que uma “carreira religiosa” não cumpre necessariamente, por si só, os mandatos de Deus; por ter formato religioso não significa automaticamente realizar a agenda celestial. Uma “vocação secular”, sintonizada com o Céu, cumprirá melhor os planos de Deus no mundo, se o coração estiver conectado com o senso de vocação que vem do Alto.

Paradoxalmente, o que autentica a vida, a história e a existência não é a medida de sucesso segundo as pobres categorias do mundo.

É justamente o negar a si mesmo a satisfação narcisista do ego e de suas vontades para assumir o seguimento e o cumprimento da vocação comunicada por Deus que trás o profundo senso de realização e alegria diante de Deus.



CHRISTIAN GILLIS é casado com Juliana, pai de três filhos, pastor da Igreja Batista da Redenção, em Belo Horizonte (MG) e membro do Conselho Gestor da Aliança Evangélica.

NOTA: artigo publicado originalmente no Portal Ultimato.

CAPÍTULO 2

NOSSA IDENTIDADE, NOSSA VOCAÇÃO

Alguns anos atrás, num seminário em Brasília, fui convidado para dar um curso sobre vocação e espiritualidade. Comecei a aula perguntando aos alunos – todos eles estudando para serem pastores – quantos ali tinham certeza da sua vocação. Todos levantaram a mão, e uns dois ou três compartilharam seu chamado. Então perguntei a eles:

– Vocês já viram um faxineiro de banheiro de rodoviária dizendo que Jesus o chamou para ser faxineiro de rodoviária?

Tentei melhorar a pergunta:

– Vocês já viram um caixa de banco dizendo que Jesus o chamou para ser bancário?

O objetivo ali era refletirmos sobre quão elitista é o conceito que temos de vocação. Ele refere-se a menos de 1% do povo de Deus, que se dedica ao pastorado, a missões ou algo assim. O restante é um bando de gente “desvocacionada” e sem chamado algum. Não é isso que Paulo tem em mente.

Em geral, temos uma compreensão muito equivocada do que significa o chamado, ou a vocação. Para nós, hoje, dentro da nossa cultura, a vocação depende do que nós fazemos; de preferência alguma coisa que nos dê prazer. Então, quando alguém encontra sua vocação, seu chamado, isso significa que encontrou alguma coisa com que se identifica e que lhe dá algum tipo de satisfação. Acredito que Paulo nunca pensou nisso. Quando ele fala em chamado ou em vocação, com duas exceções em que descreve o seu apostolado, Paulo está tratando da nova identidade que temos em Cristo, e não daquilo que fazemos.

Quando lemos em 1 Coríntios 7: “Foi alguém chamado sendo solteiro? Permaneça solteiro. Se é casado, não se separe, mantenha-se casado. Foi alguém chamado sendo incircunciso? Não se faça circuncidar”, e assim por diante. Por três vezes Paulo diz: “Cada um permaneça na vocação a que foi chamado” (v. 17, 20, 24).

O que o apóstolo entende por vocação é aquilo que nós somos chamados a fazer em Cristo Jesus: sermos filhos e filhas de Deus, povo de Deus, discípulos de Jesus, servos uns dos outros. Esse é o nosso chamado! E nós servimos a Deus a partir desse chamado onde quer que estejamos. Hoje, eu sirvo a Deus como pastor, mas poderia fazê-lo com a mesma dignidade sendo faxineiro. Não me torno uma pessoa mais vocacionada do que alguém que exerce uma atividade lá embaixo na nossa pirâmide social. Este é um conceito pagão, não bíblico! O conceito paulino de vocação tem a ver com aquilo que nós somos em Cristo e com a nossa resposta ao mundo em que vivemos, a partir dessa identidade. Todos nós somos chamados para essa mesma realidade e, quando entendemos o nosso chamado, procuramos encontrar a melhor maneira de servir a Deus

no mundo. Não importa se nós gostamos ou se não gostamos. É necessário? Precisa ser feito? Então iremos fazer! Não se trata de prazer, de satisfação, trata-se de ser povo de Deus atuando no mundo em serviço, promovendo o bem, a paz, a salvação, a reconciliação, levando homens e mulheres ao arrependimento, abençoando todas as famílias da Terra.

Logo, o chamado é um convite, uma eleição, uma convocação. Para quê? Para sermos povo de Deus. E quando respondemos a uma vocação passamos a viver como pessoas convidadas, convocadas, eleitas. De preferência, devemos viver de modo digno de quem nos chamou, para sermos aquilo pelo qual ele se deu por nós.

A vocação nos dá uma identidade, nos oferece um destino. Deus nos chama e nossa resposta – quando damos o “sim” – nos coloca dentro de uma nova realidade, o mundo do povo de Deus, onde Jesus Cristo é o Senhor. Nós começamos a viver de um modo adequado a essa nova realidade. O chamado, portanto, não apenas nos dá uma identidade, mas define o que iremos fazer.

Às vezes jovens e adolescentes da igreja me procuram para conversar sobre qual curso vão fazer, em busca de ajuda para escolher sua profissão. Eu digo:

– Olhe para o seu país e veja onde existem as maiores necessidades. Olhe aquilo e faça! E, se lá na frente você precisar mudar, mude.

– Mas qual é a vontade de Deus? – eles sempre retrucam.

– A vontade de Deus é que você sirva a ele e abençoe as famílias da Terra! A vontade de Deus não é que você seja engenheiro, ou advogado, ou professor, ou isto, ou aquilo. Não! A vontade de Deus é que você tome a decisão correta a partir daquilo que você foi chamado para ser. Você acredita que ser um advogado, ou uma dona de casa, ou uma secretária é a forma de você servir a Deus? Ou você tem de escolher uma dessas ocupações por outras contingências e encontra uma maneira de servir a Deus a partir daquela realidade, vivendo como povo de Deus ali naquele lugar,

como secretária, como telefonista, como doutor, como professor, ou o que for? Seja povo de Deus onde você estiver e isso vai ajudá-lo a definir como você vai andar, viver, se comportar.

O chamado molda nosso comportamento, define nossa ética, explica quem nós somos nos nossos relacionamentos. Nossa vocação nos dá condições de viver uma vida coerente, integral e íntegra quando vivemos a partir da consciência de quem somos.



RICARDO BARBOSA DE SOUSA é pastor da Igreja Presbiteriana do Planalto e coordenador do Centro Cristão de Estudos, em Brasília (DF). É autor de “A Espiritualidade, o Evangelho e a Igreja”, “Janelas para a Vida” e “O Caminho do Coração”.

NOTA: Este artigo é parte do novo livro do autor, ainda no prelo.

CAPÍTULO 3

DISCERNINDO E EXERCENDO A VOCAÇÃO COM HUMILDADE

Certamente você já sofreu a pressão de demandas que julgamos as mais importantes do mundo, aquelas que podem multiplicar-se como mosquitos da dengue em dias de chuva e calor. O que fazer, a que se dedicar, o que atender, seja em relação às tarefas mais simples do dia a dia ou aos grandes projetos da vida? Entender a nossa vocação, ou, se preferir, o nosso chamado, pode ser a chave para lidar com as expectativas “urgentes” e “prioritárias” que aparecem em nossa vida.

Chamado (uso “chamado” e “vocação” aqui como sinônimos) é algo que pode ser entendido de diferentes maneiras. Primeiro, para os que creem, significa uma convocação do Senhor para viver

para ele, não só depois da morte, mas hoje, para sermos agentes da reconciliação de todas as coisas por meio de Cristo. Segundo, tem a ver com aquilo que fazemos no cotidiano. Qualquer tarefa – seja o mais prosaico cuidado com a casa, os diversos afazeres ou trabalhos burocráticos – pode e deve ser vista não como um desvio de nossa vocação, mas como uma oportunidade de realizá-la com gratidão, dedicando-a e ofertando-a ao Senhor.

Terceiro, há um sentido de vocação que diz respeito à realização, particular e única de cada pessoa, enfocando a sua vida, dons, talentos e habilidades de maneira a crescer, desenvolver-se e sentir que está cumprindo algo relacionado à sua identidade, com um propósito e sentido para aquilo que o Senhor a chama a fazer no mundo.

Paulo, no capítulo 12 de Romanos, nos dá pistas importantes para que tenhamos paz quanto a quem somos e o que queremos fazer com a nossa vida. Vemos ali que um enfoque importante da nossa aproximação daquilo que Deus quer que façamos passa por um discernimento e perspectiva adequados de quem somos (Rm 12.3): uma percepção correta diante de Deus e do outro e uma correta auto percepção. Qualquer distorção disso pode afetar negativamente o modo como vivemos nossa vida e vocação.

Essa percepção adequada, que passa por um “conceito equilibrado”, por “pensar com humildade” a respeito de nós mesmos, é uma chave importante para viver melhor a nossa vida à luz do chamado de Deus. Há uma ação do Senhor em nossa vida que nos transforma, pela misericórdia divina. Podemos, assim, obedecer ao propósito de Deus para nós e humildemente sermos fiéis a ele, porque primeiro nos encontramos com o Senhor e depois somos transformados por ele.

Essa “espiritualidade da humildade” também passa pela descoberta do outro. Sabemos que entre as tendências ou tentações da natureza humana estão a comparação e a competição com o outro. Paulo entende que isso é um problema, quando recomenda que os romanos não se achem melhores nem tenham um conceito de si mais elevado

do que se deve ter. Mesmo Jesus teve de lidar com essas preocupações entre seus discípulos mais próximos (Mt 18.1-4) sobre quem seria o maior. Na verdade, o tema principal possivelmente seria a discussão sobre quem era o mais inseguro entre eles, incertos de seu valor.

A resposta de Jesus foi que devemos aprender a valorizar o outro e colocá-lo adiante de nós mesmos. Jesus o fez de uma maneira surpreendente. Ele não colocou a si mesmo como exemplo de humildade. Ele ensinou sobre essa virtude no reino apresentando uma criança, algo que os discípulos não esperavam. No reino, essa é a perspectiva correta de corpo, de comunidade, com pessoas e dons diferentes que se complementam; e assim a tarefa é realizada. Nessa perspectiva de humildade temos maiores chances de nos encontrarmos.

Um honesto reconhecimento de nós mesmos com uma correta avaliação de nossa identidade e capacidade nos ajuda no cumprimento íntegro de nosso chamado. Para “encontrar a si mesmo” é bom estar atento a três elementos: “nossos dons e habilidades, as necessidades ao nosso redor e os nossos interesses”. Cada um desses, independente dos demais, pode não ser suficiente e até mesmo nos levar a uma situação enganosa, desviando-nos de nossa vocação. A consideração dos três em conjunto não é em si uma garantia de paz, mas já nos ajuda a ir por bons caminhos para buscarmos sentido e realização.

Primeiro, devemos admitir que temos dons e capacidades. Humildade passa por reconhecê-los, senão estaríamos falando de outra coisa: a falsa modéstia. O desafio passa por assumir essas habilidades, desejar crescer nelas, ser bons mordomos das capacidades “naturais” ou “espirituais” que recebemos. Sim, entre aspas, porque essa seria uma falsa dicotomia. Se cremos que somos criados por Deus, inclusive criados com a capacidade de aprender, todas as qualidades e dons que temos ou desenvolvemos podem e devem, em última análise, ser entendidas como “dadas”, possibilitadas pelo Senhor. É ele quem nos convida a crescer nelas.

Segundo, como sugere Gordon Smith no excelente “*Courage and Calling*”, os nossos dons estão relacionados com as diferentes maneiras como vemos as necessidades em um mundo quebrado. A lista de dons nas Escrituras (como em Romanos 12) poderia ser uma expressão de como é preciso haver pessoas com olhares diferentes a respeito das necessidades dos outros, exercendo assim dons que se complementam e edificam toda a comunidade.

Terceiro, também há aquilo que nos traz prazer e alegria, ou pelo menos deveria trazer. Por isso é importante considerar os nossos interesses. A última capacidade listada por Paulo em Romanos 12, a de “mostrar misericórdia”, é chamada a ser realizada com alegria, uma conclusão tão simples, mas tão forte que serve como um desenlace perfeito para todos os dons e capacidades anteriores: abraçar com alegria a nossa vocação.

Creio tanto nisso a ponto de entender que é algo que não pode ser subestimado. Há situações na vida em que somos quase obrigados a fazer coisas das quais não gostamos ou nas quais não temos prazer. Mas, quando falamos de vocação para toda a vida, de sonhos, projetos e realização, sinceramente animo você a desconfiar fortemente, com convicção, daquilo a que você se dedica sem o mínimo prazer ou alegria.

Quer ser missionário na África, mas não aprecia o clima ou a cultura de lá? Quer servir entre os mais pobres, mas não consegue ficar sem a comida da mamãe ou da vovó? Quer ser médico, mas desmaia ao ver sangue? Você acredita que sua vocação é ser um monge celibatário em um claustro isolado do mundo, mas na verdade ama interagir com as pessoas, desfrutando crescer em intimidade com outros e, se possível, com uma companhia para a vida toda? Então... suspeite desse “chamado”.

Dons e habilidades, necessidades, interesses, isoladamente talvez sejam insuficientes para definir uma vocação com tranquilidade e convicção. Com a ajuda do Senhor, do outro e de uma correta percepção de si mesmo, os três elementos conjugados podem

lançar alguma luz e nos ajudar a definir o rumo de nossas vidas. Precisamos da “espiritualidade da humildade”, a fim de evitar a presunção e a negligência e, com alegria, sermos agentes de mudança aonde o Senhor nos levar.



Ricardo W. M. Borges é pastor na Igreja Metodista Livre da Saúde, em São Paulo, SP, e secretário regional associado para a América Latina da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (CIEE-IFES).

NOTA: artigo publicado na revista *Ultimato* 355 (julho-agosto/2015)

CAPÍTULO 4

ENTRE O SER E O FAZER

Uma das maiores angústias de um jovem é quando está chegando sua formatura do ensino médio. Por um lado, a alegria de finalmente concluir os seus estudos obrigatórios, mas por outro, a incógnita do futuro. Chegamos a pensar que a vida inteira está em jogo em apenas alguns anos, pois são muitas decisões a serem tomadas. É pressão dos pais para que você faça curso superior; pressão dos amigos que já decidiram o que fazer e você não; pressão do mercado de trabalho que diz que sem profissão você não consegue nada; também a pressão social que diz “agora você é um(a) homem/mulher, precisa ter responsabilidades”. Como descobrir qual é a melhor decisão? Como saber o que fazer? Para onde eu vou? Como vou pagar minhas despesas? Como vou viver? Ah, chega! Eu quero é paz!

Em um mundo altamente globalizado e profissionalizado, aquele que não se encaixa no *modus operandis* é descartado ou renegado para atividades periféricas e insignificantes. O velho ditado que “você é o que você tem” ainda é uma realidade em nossa sociedade; talvez poderíamos apenas atualizá-lo dizendo: “você é o que posta em sua *timeline*”. Ter um carro, uma casa, um bom emprego, viajar bastante e postar tudo isso e um pouco mais nas redes sociais é o sonho de todo jovem, pois a moda hoje é “ostentar”. Contudo, eu me indago: seria esse o sonho de Deus para mim?

Infelizmente não vejo diferença sobre isso dentro das igrejas. O ativismo eclesial já tomou conta de todos e, para reverter essa situação, creio que somente com uma nova geração disposta a abraçar a causa do reino. Essa influência tem afetado como enxergamos a vocação divina. Como podemos medir se uma jovem é cheia do amor de Jesus? Como sabemos se o adolescente serve a Deus? Como qualificamos alguém apto para o ministério? Creio que todas as respostas seriam baseadas em critérios externos da pessoa (aquilo que fazemos) e não pelo seu coração (aquilo que somos). Eu sei da dificuldade de fazer essa interpretação, pois somente o Senhor esquadrinha o coração e a mente (Sl 26.2), porém devemos ir com cautela ao examinar somente o que é palpável e visível.

Um versículo norteador para nós se encontra nas palavras do apóstolo Paulo aos romanos, que diz: “Paulo, *servo* de Jesus Cristo, *chamado* para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus” (Romanos 1.1). Nesse pequeno versículo podemos aprender muito sobre a vocação divina. Paulo afirma ser um “servo”, que da palavra grega *doulos* significa escravo comprado pelo sangue do Cordeiro, liberto das cadeias do pecado e da morte e, apesar de livre, cativo pelo Senhor que o libertou. Afirma também ter sido chamado para ser “apóstolo”, demonstrando que alguns servos podem ser chamados ao ministério, porém não há verdadeiros ministros que não sejam primeiramente servos.¹

A ordem da colocação no versículo é extremamente importante, pois demonstra que a identidade de Paulo não é ser apóstolo, mas sim, servo, ou seja, o que identifica Paulo é a sua relação com Deus, e não o que ele faz para Ele. A nossa santidade é mais importante do que o que fazemos, pois é completamente possível realizar grandes obras, mas estar distante de Deus; ser uma pessoa extremamente ativa no ministério, mas não ter intimidade com o Pai. Isso me faz lembrar a experiência de John Wesley, um dos maiores evangelistas e avivalistas do mundo, que no início de seu ministério pastoral, num barco vindo dos Estados Unidos em direção à Inglaterra, escreveu em seu diário as seguintes palavras:

Eu vim para a América para converter os índios, mas quem deverá me converter? Quem me livrará desse coração pecaminoso pela descrença? [...] Eu posso falar bem, e acredito em mim mesmo enquanto nenhum perigo está por perto: Mas deixe a morte olhar em meu rosto, e meu espírito se perturba.

Nem posso dizer: “Morrer é um ganho!”.

Oh! Quem me livrará desse medo da morte? O que devo fazer? Para onde devo fugir dele? Devo lutar contra ele, pensando ou não pensando nele?²

No campo missionário eu tive a experiência de ver excelentes trabalhadores, porém péssimos servos. Pregadores de primeira, contudo, indisciplinados. Pessoas com estupendos talentos, mas com um caráter deficiente. Para sermos bem sucedidos na obra do Senhor, não basta entregarmos relatórios com excelentes números estatísticos ou arrebanhar milhares de vidas, contudo, devemos ser íntegros em tudo que fazemos. A santidade é a única escada que liga a terra ao céu. Não há atalhos e nem brechas na constituição celestial. Por isso afirmo: **o ser vem antes do fazer.**

É tão importante entendermos isso, pois hoje a nossa cultura nos ensina o ativismo. Somos medidos pelo quanto produzimos, e não pelo nosso coração. Para a sociedade, aquilo que temos é mais valioso

do que aquilo que somos, com isso, invertendo completamente a ótica de Deus sobre nossas vidas. Vale lembrar o que Deus respondeu a Samuel ao escolher Davi “porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem olha para o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração” (I Samuel 16.7c).

Obtemos respostas erradas, pois fazemos perguntas erradas. Erramos quando a nossa maior preocupação é fazer a pergunta “Deus o que o senhor quer que eu faça?”, porém devemos nos preocupar com a seguinte pergunta: “Deus eu sou a pessoa que o senhor gostaria que eu fosse?”. Assim como Jesus perguntou para Pedro, “tu me amas?”, hoje ele nos pergunta se a nossa identidade, o nosso ser, é completamente de Cristo, para então afirmar: “apascenta as minhas ovelhas”. Entendemos então que **o ser nos prepara para o fazer**.

Em contrapartida, há também o outro extremo, a excessiva atenção no ser, negligenciando o fazer. Muitos esperam estar completamente preparados (numa visão utópica) para então assim obedecer à voz de Deus. Enfatizar o treinamento e preparo sem a prática é tentar adquirir experiência apenas com teoria, ou seja, é como tentar matar a fome apenas lendo o cardápio. Na jornada vocacional nunca nos sentiremos completamente aptos para o que fomos chamados - e isto é bom, pois aprendemos que não somos nós que fazemos, mas o Espírito Santo através de nós. Deus não chama ministérios, chama pessoas e essa vocação é integral e não utilitária, ou seja, Deus se preocupa com sua vida inteira, não apenas com o que você faz, e jamais utiliza você apenas como um objeto descartável que quando peca, joga fora por não ser mais útil.

Quando você se sentir desanimado, lembre-se das personagens bíblicas e como foram suas jornadas vocacionais. Jonas fugiu do chamado; Moisés cria não ser capaz de falar; Isafas não acreditava ser digno; Jeremias pensava ser inexperiente demais; Débora era

uma mulher numa sociedade machista; Amós um boiadeiro que não tinha recursos e estudos; Pedro negou a Jesus três vezes; João Marcos abandonou Paulo na viagem missionária; Tiago, o escritor bíblico, negou o seu próprio irmão Jesus. Todos eram homens e mulheres comuns com uma vocação extraordinária que deixaram as suas vidas nas mãos de um Deus grandioso.

A busca quase que obsessiva por diplomas faz que muitos doutores e mestres não tenham nenhum conhecimento prático daquilo que eles estudam ou ensinam. Vemos muitos teólogos sem coração pastoral, missiólogos que nunca evangelizaram, antropólogos que não vivenciaram choque cultural e médicos que desprezam o olhar nos olhos do paciente. Seja e faça, viva e pregue, ore e atue, estude e ensine. Jesus nos chamou para darmos frutos e frutos que permaneçam (Jo 15.16). O imperativo de fazer discípulos em todas as nações ainda perdura nos nossos tempos e Cristo vocacionou a cada um de nós para realizar a sua Missão de ser glorificado entre todos os povos.

A palavra de Tiago é verdadeira afirmando que “o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2.26); por isso levante os seus olhos, observe oportunidades, pois “os campos, que já estão brancos para a ceifa” (Jo 4.35) estão esperando por você. Não espere um mandamento sobrenatural para agir; aproveite as necessidades e oportunidades do cotidiano para servir, pois Deus atua dentro da nossa rotina. Ele pode usar você naquilo que você menos espera.

Subjugue sua vida a Deus como um escravo que não almeja os seus próprios desejos ou sonhos, mas obedece à vocação que lhe foi concedida. Tenha sempre um espírito de servo, pois nem tudo o que fazemos na jornada vocacional é o que gostamos de fazer ou sabemos fazer. Busque encher o seu coração com o Espírito Santo, dedicando diariamente ao Senhor, sempre priorizando a sua santidade diante de Deus, para então realizar aquilo para o

que Ele o chamou. Portanto, concluo dizendo: **o ser (santidade) e o fazer (vocação) caminham juntos.**



FELIPE FULANETTO tem 24 anos, nascido em Campinas (SP), torcedor do Palmeiras, ama filmes, livros e viajar. Formado em Teologia e mestrando em Missiologia. Foi missionário no Peru e Paraguai, e hoje   pastor na Igreja do Nazareno, coordenador de pesquisas missionárias da AMTB e pertence   organiza o do Movimento Vocare.

NOTAS:

1. LID RIO, Ronaldo, 2014. *Vocacionados*, Editora Betânia, p. 15-16.
2. WESLEY, John, 2009. *O Diário de John Wesley*, Editora Arte Editorial, p. 58-59.

CAPÍTULO 5

MISSIONÁRIO: MALUCO, MÁRTIR, MENDIGO OU O QUÊ?

A igreja evangélica brasileira em poucas décadas transformou-se de campo missionário em “celeiro de missões”. Como a igreja está assumindo e tratando seus missionários?

MALUCO?

Fui convidada para falar sobre missões numa igreja bem viva e dinâmica. A família que me hospedou não se cansava de ouvir minhas experiências missionárias. Até que, de repente, a filha que estava para terminar o curso de medicina começou a mostrar que estava seriamente considerando a possibilidade de servir na obra missionária. O ambiente mudou totalmente:

— Isso seria uma loucura!

Muitos cristãos ainda consideram o missionário basicamente um maluco. Como é que uma pessoa de boa formação ou com responsabilidades dentro da família abandona tudo e todos para embrenhar-se em alguma selva entre povos tribais ou para confrontar situações de alto risco em países resistentes, onde há falta de segurança e de confortos básicos?

— Missionários solteiros, tudo bem (desde que não seja meu irmão ou minha filha), mas um casal com filhos é o cúmulo do absurdo! É claro que Deus não pediria uma coisa dessas para seus filhos! — é o pensamento de muitos. Será que Deus não pediria? O que lhe custou o seu projeto missionário? A Bíblia afirma que se trata de uma loucura de Deus: uma loucura poderosa para salvar e transformar vidas humanas. Graças a Deus pelos que aceitam ser “os malucos de Deus” (1 Co 1.21-29).

Mas isso significa uma atitude irresponsável da parte do missionário? Ou da igreja? Infelizmente, muitas vezes tem sido! E aí já abandonamos a categoria da loucura segundo Deus para uma loucura humana, irresponsável. Isso acontece quando o missionário é enviado com um espírito ufanista, sem o preparo espiritual, bíblico, missiológico e pastoral adequado. Quando ele ou sua igreja se sentem auto-suficientes, não precisam de ajuda ou orientação, nem de missionários mais experientes, nem de líderes cristãos nacionais. Assim, o missionário é enviado para ser bênção, mas nem sempre será. Mas existe outra irresponsabilidade ou loucura injustificável e pecaminosa que nossas igrejas têm praticado. Enviam o missionário com a bênção da igreja, que se orgulha em divulgar que sustenta “X” missionários. Mas, de repente, surge um projeto de construção ou outra necessidade urgente que demanda toda a atenção.

— Ora, o missionário é pessoa de fé. Deus cuida dele — e a igreja abandona seus missionários no campo.

Será que o pastor também não é homem de fé? Por que, então, tal atitude inconsequente? O missionário enfrenta dificuldades,

às vezes problemas de saúde, falta de recursos básicos, falta de explicações e comunicação, dívidas. Como resultado, surge uma profunda crise. Às vezes trata-se de uma pessoa que se adaptou bem ao campo, progrediu no estudo da língua nacional, relacionou-se bem com os nacionais e acaba sendo derrotada por esse abandono!

Gostamos de falar em guerra espiritual, mas abandonamos nossa tropa de elite, nossos comandos no campo de batalha, sem orientação, sem recursos, às vezes feridos, sem qualquer cuidado! Nenhum exército humano faria isso. Outra manifestação dessa inconsistência acontece no momento em que o missionário põe os pés de volta no Brasil:

— Voltou do campo? Deixou de ser missionário. Acabou o sustento! — um tremendo contraste com empresas e governos, que enviam funcionários para servir em outras culturas ou situações de risco, e sempre oferecem uma série de compensações.

Mas, no caso dos nossos missionários, se o sustento não acaba por completo, geralmente diminui consideravelmente, afinal “o missionário é uma pessoa simples, chamada para sofrer”...

Não nego que muitos sejam chamados para sofrer. Mas esse sofrimento não deveria ser causado pela igreja que o envia e sustenta, mas pelas condições do contexto de vida do local onde trabalha. É triste saber que missionários brasileiros voltam prematuramente do campo muito mais por causa da falta de preparo, de sustento e de apoio pastoral adequados, e por problemas de relacionamento com os que os enviam, do que por problemas de ministério ou de relacionamento com as pessoas a quem servem, mesmo em países considerados de alto risco.

MÁRTIR?

— Missionário?! Para mim é um ser muito mais santo, uma pessoa chamada para sofrer. É alguém que não se preocupa com as coisas do mundo, despojado. Um verdadeiro mártir!

É assim que muitos vêem o missionário. Um ideal que pode ser admirado e colocado num pedestal, não um modelo para ser seguido. E é claro que uma pessoa que está no pedestal não precisa de minha ajuda e compreensão. Está ali para ser admirada (ou apedrejada).

Muitos missionários voltam dos campos emocionalmente exaustos, confusos, quebrantados, precisando muito de um tempo de renovação, cuidado e repouso. Mas são recebidos ou como heróis, com um programa lotado de compromissos, ou sem nenhuma atenção. A igreja deveria ser a família onde fossem recebidos com amor, carinho, cuidado, interesse neles como pessoas, e não só no trabalho que realizam.

Há cristãos que, quando ouvem relatos de crises tremendas ou encontram o missionário doente, magro e exausto, aplaudem:

— Esse é um verdadeiro missionário!

Mas, quando o mesmo missionário passa por uma fase mais tranqüila, facilmente surgem críticas e desconfianças:

— Ele fica viajando por aí com nosso dinheiro... Que trabalho realmente está fazendo? Parece até que está passando muito bem!

O que significa mártir? Vem da palavra “ser testemunha”, “dar testemunho”. Mas aí o martírio não é privilégio só de missionários, e sim de todo cristão verdadeiro...

O que vemos na igreja primitiva? Certamente houve alguns mártires que morreram pelo seu testemunho. Mas a maioria deles recebia vários tipos de apoio de igrejas e irmãos, e não buscava o sofrimento. Este vinha sem ser convidado, muitas vezes inesperado, e era enfrentado com fé e coragem pelos discípulos de Jesus, que até se sentiam honrados por sofrerem pelo seu nome. Será que estou defendendo a volta de uma busca do martírio? Não! Mas se não estamos dispostos a encarar seriamente essa possibilidade como consequência de nosso ministério em situações de crise, teremos de abandonar muitos dos campos missionários mais carentes.

No século 19, muitos missionários iam ao continente africano sabendo que havia um alto risco para suas vidas. Oitenta por cento morriam de malária, doença que ainda tem matado alguns jovens missionários brasileiros na África. Isso é doloroso, mas não significa o fim de nossa responsabilidade. Mais difícil é a situação em muitos países, onde o fundamentalismo religioso vê o cristão como ameaça à sua cultura, família ou nação. Tem havido muitos martírios, a maioria de simples cristãos nacionais, dispostos a arriscar suas vidas no seu testemunho (martírio), muitas vezes sobrevivendo com salários ínfimos.

MENDIGO?

Ainda outros vêem o missionário como mendigo:

— Na minha igreja, missionário não prega!

Um visitante estrangeiro, a quem um pastor foi constrangido a ceder o púlpito, transmitiu a mensagem de Deus e, para surpresa do pastor preconceituoso, não pediu nada. Não estava ali para pedir.

Podemos perguntar mais uma vez: por que o pastor é digno de um salário decente, plano de saúde, auxílio para transporte etc. e o missionário é obrigado a “pedir esmolas” para o seu sustento?

Pessoalmente, dou graças a Deus porque nunca precisei pedir pelo meu sustento. Os próprios líderes da Missão escreveram algumas cartas e igrejas e irmãos se manifestaram com boa disposição para ajudar no meu sustento, muitas vezes fontes inesperadas e fiéis. Nunca faltou nada.

Mas o missionário que é convidado para se apresentar com carta de sua agência missionária com vistas a levantar sustento para o seu ministério não deveria se sentir e muito menos ser tratado como mendigo. Ele não é um peregrino solitário, mas um enviado, um embaixador, em primeiro lugar de Jesus Cristo, mas também da igreja. Missões é sempre um ministério participativo, nunca uma tarefa isolada de um excêntrico.

Conheci uma missionária que, depois de vários anos de ministério frutífero no exterior, passou um tempo no Brasil para

mais treinamento. Ela sofria com dor de dentes, mas não tinha coragem de compartilhar essa necessidade com sua igreja, com medo de ouvir: “Lá vem nossa missionária pedir de novo!” A igreja deveria providenciar este e outros cuidados naturalmente, livrando seus missionários de tal constrangimento.

Por outro lado, a igreja não deve ser ingênua, como muitas vezes tem se mostrado. Há missionários com boa lábia, que despertam as emoções e levam as pessoas a contribuir. Estes, nem sempre têm um bom testemunho no campo. Há outros que são fiéis e respeitados no seu ministério; são mais humildes na apresentação e, por isso, são esquecidos. De qualquer forma, parece ser algo extraordinário, não normal, contribuir com o sustento missionário.

A igreja deve saber também que é muito melhor sustentar alguns, com um compromisso integral de intercessão e cuidado pastoral, que dar esmola a muitos. Uma igreja com coração missionário recebe bem seu missionário que vem de férias e o ajuda a conseguir moradia, cuidados de saúde, apoio pastoral, um lugar para descansar. Muitas igrejas ainda não têm essa visão. Assim, muitos missionários voltam ainda mais arrebatados para o campo. Uma vez fui convidada insistentemente (quase forçada) para ir numa grande reunião de senhoras de muitas congregações diferentes. Estava com pouco tempo, mas cedi ao convite. Quando chegou o momento para o testemunho missionário, a dirigente falou:

— Tem uma pessoa aqui que veio nos pedir uma coisa. Vamos lhe dar dois minutos?

Sentindo-me humilhada, consertei:

— Não vim pedir nada. Fui convidada para dar um testemunho. Se me ouvirem pelo menos cinco minutos, disponho-me a falar.

Soube que, numa grande conferência cristã na Inglaterra, alguém fez um apelo para que os participantes guardassem os saquinhos de chá usados para doar aos missionários. No dia seguinte, por toda parte, viam-se saquinhos secando ao sol. Por que não pensaram em usar duas vezes o mesmo saquinho de chá e enviar saquinhos novos para os missionários?

Em várias igrejas, tenho pedido roupas e calçados usados e literatura evangélica para ajudar os irmãos angolanos. Muitas estão dispostas a dar, mas não a selecionar, empacotar e, muito menos, ajudar nos custos de transporte. É sempre uma feliz surpresa quando uma igreja ou pessoa prontificam-se não apenas a doar, mas também a enviar as doações.

OU O QUÊ?

Afinal, quem é o missionário?

É um ser humano, pecador, que comete erros, mas que foi salvo pela graça.

É um ser humano vulnerável, que vive pressões muito maiores que as de cristãos que ficam em casa, e geralmente têm muito menos estruturas de apoio.

É um ser humano seriamente comprometido com o reino de Deus, disposto a abrir mão de muitos confortos, segurança e relacionamentos para obedecer ao seu chamado de amar e servir um povo diferente.

É um ser humano que precisa de pessoas que procurem compreendê-lo, interessar-se em seus problemas, dores, projetos, sonhos e frustrações.

É um ser humano muitas vezes deslocado, desorientado, confuso, cansado, precisando de repouso, restauração de forças e amizade sincera.

O que vamos fazer com ele?



ANTONIA LEONORA VAN DER MEER (Tonica) foi missionária durante dez anos em Angola. No Brasil, agora trabalha na formação e no cuidado pastoral de missionários, no Centro Evangélico de Missões (CEM), em Viçosa, MG.

PARTE 2

À PROCURA DA VOCAÇÃO: HISTÓRIAS DE QUEM DESCOBRIU A VOCAÇÃO

CAPÍTULO 6

“PASTOREIE ESSA JUVENTUDE!”

No ano de 2011 fui pela primeira vez a uma “virada cultural” organizada na cidade de São Paulo. Estava feliz com a ideia de passar a madrugada observando várias atrações culturais e movimentos dos mais diversos. Infelizmente não foi essa cena que marcou a minha noite. Fui confrontado com uma outra triste realidade. Ao sair da estação de metrô, me deparei com dezenas de jovens deitados ao chão em um estado de coma alcoólico, alguns, completamente apagados, sem roupa, em um estado deplorável. A cena que vi não parava por aí, pois, ao sair do metrô, deparei-me com um incontável número de jovens em volta de uma praça. O som era vibrante, muita gente se “pegando”, muitos jovens sem camisa e com as mãos levantadas cantavam em uníssono: *“Eu quero mais*

é beijar na boca”. Muito álcool rodava entre a galera, assim como cigarro e outras drogas. A cena era assustadora.

O mais interessante é que, antes de sair do metrô, eu conversava com um amigo, também pastor e falava como era legal viajar o Brasil pregando o evangelho para os jovens e, em um esforço imaturo, tentávamos contabilizar quantos jovens havíamos alcançado aquele ano. Pelos nossos cálculos, chegamos a algo perto de 12 mil. Naquela única noite, em uma única praça, nos deparamos com mais de 7 mil jovens. Naquele dia Deus falou alto e claro ao meu coração: “Não pare de pastorear a juventude brasileira; ainda há muitos jovens que precisam ser alcançados. Olhe para essa multidão como ‘ovelhas sem pastor’”.

Desde então, o desejo de pastorear se intensificou em mim, abracei essa vocação como um náufrago abraça uma boia em alto mar. Compreendi que meus talentos, dons e experiência adquiridos ao longo da vida me conduziam para o exercício dessa vocação dada por Deus.

Como já sabemos, vocação está muito relacionada com o verbo “chamar”, mas há ainda um verbo muito mais importante por detrás dessa palavra que é o verbo “ouvir”. O vocacionado é aquele que “ouve” o chamado de Deus. Durante aquela virada cultural, em meio a tantos barulhos, pela graça do Pai, consegui ouvir o “*vocare*” de Deus, o chamar do Pai; e Ele ardia em meu coração gritando: “*Pastoreie essa juventude*”.

Pastorear é um dom, um privilégio e uma grande responsabilidade. As ovelhas não são nossas, mas sim de Cristo e todo pastor é também uma ovelha de Cristo; por isso, ao mesmo tempo em que cuida, também precisa ser cuidado.

Pastorear é pisar em solo sagrado. Significa muito mais do que o simples exercício burocrático da igreja e a realização de inúmeras programações. Pastorear é acessar o coração, é ter o privilégio de “ganhar histórias”, de partilhar a alegria e dor do irmão, de se fazer presente como “boca de Deus”, por essa razão, pastorear é uma

vocação. Não é o seminário que forma o pastor, pois a formação pastoral nasce no coração, como uma manifestação da multiforme graça de Deus.

Diante dessa trilha profunda, desse maravilhoso mistério, dessa “excelente obra”, como diz o apóstolo Paulo, prossigo desenvolvendo e abraçando o chamado de Deus para minha vida, assim como muitos amigos que dedicam sua vida para o exercício dessa vocação.

É engraçado perceber que quando afirmo que sou pastor, as pessoas não acreditam ou olham com certo ar de desprezo. Agem assim, por causa da minha idade, pois um pastor jovem não inspira tanta confiança como um pastor mais velho. Aliás, geralmente a imagem que temos de pastor é alguém já com os seus cabelos brancos, mas esquecemos que todos os pastores adultos começaram jovens.

Quando sou confrontado com esse tipo de preconceito, lembro-me das palavras do apóstolo Paulo a Timóteo: *“Ninguém despreze a tua mocidade”* (1Tm 4.12). Lembro-me que Deus também conta com os jovens para pastorear e Ele capacita-nos para exercer esse maravilhoso ministério, mesmo diante das adversidades e dos desafios.

Na caminhada pastoral, lido com muitos desafios e casos que estão além da minha capacidade, situações que nunca vivi. Ouço e aconselho gente mais nova, mais velha, casada, solteira, viúvas, gente que perdeu um filho, pessoas que estão com problemas no casamento. Nesses momentos, me apego à certeza de que estou aqui e faço o que faço, pois o Espírito de Deus me conduziu para esse caminho, me chamou, me vocacionou e a cada dia me capacita. Lembro que não fui chamado para ser um pastor “resolve tudo”, mas sim para continuar o ministério dado por Jesus a Pedro: “pastoreie as minhas ovelhas” (Jo 21.16).

Mas também há grandes vantagens em ser jovem, pois percebo que a comunicação e a identificação com a juventude ficam mais naturais e profundas. Percebo a força e um pulsar revolucionário, vontade de mudar, transformar, fazer, construir, mobilizar. De fato,

um coração que “queima em servir” e à disposição para responder o chamado de Deus e sinalizar o reino de Deus.

Um pastor jovem inspira outros jovens e anuncia de forma prática e em bom som que Deus também conta com a juventude, que é possível revolucionar o nosso contexto e não precisamos esperar a idade chegar. Mesmo ainda jovens, podemos e devemos servir ao reino de Deus. Venho de uma tradição denominacional que por muito tempo valorizou apenas os adultos, os homens mais velhos. Não havia incentivo para que os jovens ensinassem, pregassem, se tornassem líderes fortes. Por essa razão, quando adolescente, imaginava que não tinha dom nem capacidade de servir, apenas de sentar e ouvir. Foi quando conheci a missão na qual hoje sirvo e lá vi adolescentes e jovens trabalhando e atuando no reino de Deus. Gente com 16 anos pregando uma palavra profunda, adolescentes evangelizando, jovens discipulando, enfim, nem preciso dizer que meu coração foi tomado por esse ambiente e fui descobrindo que eu tinha dons, talentos, capacidade e, principalmente, descobri que mesmo sendo jovem poderia ser atuante no reino de Deus.

Lembro-me da primeira pregação que fiz. Eu tinha 16 anos e amava pregar. Todavia não tinha oportunidade. Então, em minha casa, pregava na hora do banho, ficava constantemente pregando sozinho (costume que guardo até hoje). Meus amigos descobriram esse meu prazer e me desafiaram a pregar em um acampamento de adolescentes. Lá estava eu, com 16 anos, encarregado de levar a Palavra de Deus. Se foi bom ou ruim, isso não importou muito. O que sei é que nunca mais parei. Até hoje me alegro em pregar e já se passaram doze anos. Pretendo pregar a Palavra até o último fôlego do meu ser. Louvado seja Deus, pois nos chama, vocaciona e capacita, independente da nossa idade e de quem somos.

Quando o chamado de Deus toma conta da gente, fazemos como os pescadores que foram desafiados por Jesus a segui-lo. O texto diz que “deixando os barcos na areia, eles seguiram a Cristo” (Lc 5.11). A vocação dá sentido à existência. Podemos possuir todas

as coisas do mundo, conquistar todos os títulos do mundo, realizar nossos sonhos, mas se não encontrarmos a nossa vocação, restará sempre um vazio existencial, uma falta de sentido e razão de estar aqui e fazer o que se faz. Agora, quando somos tomados por esse chamado divino, não importam mais “os barcos”, “as redes” e até mesmo “os peixes”. A única coisa que importa é seguir a trilha do Cristo e do seu chamado arrebatador que nos convida para “*Sermos pescadores de homens*”.

Como pastor, oro incessantemente a Deus para que a juventude brasileira descubra a sua vocação. Para que cada jovem compreenda que, nas mãos do Espírito Santo, somos uma infinidade de possibilidades. Oro para que os jovens da minha comunidade percebam que o Senhor os vocaciona para servirem ao seu reino aqui na terra. Peço a Deus que levante moços e moças com o coração pastoral. Gente que carrega no coração o olhar do Cristo que, quando olha para aqueles que perdidos estão, enxerga-os como “ovelhas que não têm pastor”.

Eis-nos aqui, Senhor. Envia-nos. Para a tua glória.



CALEBE R. RIBEIRO, 28 anos, Flamengista, gosta de jogar bola, nas horas vagas curtir uma praia e tirar onda de surfista. Formado em Teologia e Sociologia. Pastor de jovens da Igreja Presbiteriana do Recreio, no Rio de Janeiro (RJ) e missionário da Missão Jovens da Verdade.

CAPÍTULO 7

VOCAÇÃO PARA FICAR

“**E**stou entendendo. Deus precisa do *seu* dinheiro para manter missionários no campo, certo?”

Esta confrontação, vinda de um missionário e disfarçada de pergunta, passou a me incomodar profundamente. Eu estava prestes a me formar em administração, com ótimas oportunidades no mercado de trabalho. A lógica era óbvia: de um lado, a opção de usar meus talentos para ganhar dinheiro e sustentar vários missionários no campo. Do outro, teríamos “euzinha”, uma única pessoa, indo para o campo. Sem nem mesmo entrar no mérito de minhas limitações, falhas e pecados, convenhamos que numericamente já fizesse sentido eu ficar.

Pois bem, a matemática de Deus parece ir além dos nossos tão elevados pensamentos...

O incômodo foi crescendo com o passar do tempo e me deparei com uma crise de identidade, de vocação. Quem eu sou? Para que eu sirvo? Qual o meu papel no mundo? Seria mesmo sustentar missões financeiramente? “Talvez sim” era uma resposta sincera – tão sincera como o “talvez não”.

Como decidir? Simples: um mochilão de volta ao mundo por um ano. Juntei as economias, conectei-me com pessoas, escolhi alguns países, consegui aprovação de meus pais, pedi licença no trabalho e coloquei o pé no mundo com a seguinte questão na mochila: “qual o propósito da minha vida?”.

Chegou uma hora em que desisti dos meus monólogos com pretensão de serem orações, e a Palavra de Deus prevaleceu: “... mas Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”. (Jo10:10b) *“É isso, Jesus! Eu quero esta vida em abundância!”* Eu achava a primeira pista para a resposta que buscava. Ah, e não era uma “abundância” no sentido de ser uma vida cheia de aventuras e experiências radicais. Em meio a um mochilão de volta ao mundo, ficava evidente que a vida abundante de João 10.10 ia muito além dessas coisas.

Nesta viagem, visitei obreiros de Deus pelo mundo e descobri realidades missionárias muito mais humanas do que eu pensava – e por isso mesmo, mais divinas. A vida missionária mistificada de crentes endeusados e super poderosos deu lugar a uma admiração mais genuína e um temor mais reverente ao Deus que, de fato, é quem faz a obra.

Mas nesta viagem também houve experiências sobrenaturais. Conheci povos sem nenhuma presença cristã. Sabe, quando você olha bem no fundo dos olhos de alguém que não faz à mínima ideia de quem seja Jesus, de alguém que morrerá antes que uma bíblia chegue em suas mãos; quando você se identifica com ela como criatura feita à mesma imagem e semelhança, de carne e osso, com família, vontades, sonhos; quando você sente e lembra do imenso amor que Deus tem por ela, e como ela se torna inimiga dele ao se

render a outros deuses... E vê que ninguém está lá para avisá-la dessa tragédia! Quando você vê tanta desconexão e injustiça... Bom, é bem provável que um milagre aconteça em seu coração. O sobrenatural naquela viagem não veio em sonhos e visões – ele veio transformando o íntimo do meu ser.

Diante de todas essas coisas, minhas prioridades viraram de cabeça para baixo. A meta de ser uma excelente profissional e poder dizer: “é porque eu sirvo a Deus” tinha perdido o brilho. Fazer um bom trabalho continuava na pauta, mas como obrigação de qualquer seguidor de Jesus. Como disse Lutero, em resposta ao sapateiro: “se quiser ser um cristão melhor, faça um bom sapato e venda por um preço justo”.

Finalmente, eu entendi que Deus não seria glorificado em minha vida pelo sucesso profissional ou social. Ele seria glorificado se eu estivesse vivendo uma vida plena de significado, com convicção de que valeria a pena viver!

E foi assim que dos 25 aos 30 anos morei na Ásia, entre cidades e vilarejos remotos, vivendo entre um povo esquecido pela igreja, desprezado pelo mundo, mas amado por Deus. Aos poucos, algumas igrejas começaram a interceder por eles e a enviar mais obreiros. Hoje, o povo ainda permanece não alcançado, sem bíblia em sua própria língua e sem igreja. Mas conta com um punhado de servos e servas de Deus, empenhados em permanecer naquele lugar inóspito, estudando, casando, criando filhos e envelhecendo entre eles. Glórias a Deus por isso!

Eu queria ficar lá por, pelo menos, 10 anos, mas Deus pensara em apenas 5. Foi difícil aceitar a ordem para voltar. O “ide” era tão mais seguro, mais certo e confortável! Além disso, tinham sido os melhores 5 anos de minha vida. “Voltar?!?!? Como assim, Senhor? Eu quero ficar pois... ‘Como ouvirão se não há quem pregue?’”

Mas, buscando andar em obediência, decidi sair do campo. E, mais forte do que nunca, as mesmas perguntas voltaram: quem, de fato, eu sou? Para que sirvo? Qual meu papel neste mundo?

Em busca destas respostas, fui aliviada por uma frase do Osmar Ludovico, uma referência em espiritualidade cristã para mim: “Encontramos nossa vocação aos 40”. Ufa! – pensei – ainda estou no começo dos 30!

Imagino que você, que está lendo, seja jovem e neste momento deve estar com uma cara indignada: “Ah, não! O que é isso? Só aos 40?! Que absurdo! Preciso de uma resposta a-go-ra!” Ok, ok... vamos continuar conversando. O Osmar explica que é com 40 que você tem capacidade de reconhecer seus dons, oportunidades, redes, limitações e potenciais. Mas há um caminho até lá! Até lá... “nós experimentamos e tentamos várias coisas.”

Experimente. Tente. Não quero incentivar você a começar várias coisas e não terminar nada! Quero apenas que não tenha medo de experimentar, de arriscar, de buscar a Deus e, mesmo que não tenha certeza absoluta de Sua vontade específica, faça aquilo que esteja de acordo com Sua vontade exposta na Bíblia.

Para isso, você precisará de tempo em reflexão. Reflexão que resulte em ação. Note que ação sem reflexão é tão ruim quanto reflexão sem ação.

Bom, de volta ao Brasil, novos paradigmas foram quebrados. Descobri que minha identidade não se baseava no que eu fazia, nem no título de “missionária”. Antes de tudo, eu era filha de um Pai onipotente e amoroso. Sem a clara consciência e prática desta vocação filial, não iremos muito longe aos olhos do Pai.

E hoje, olhando para Deus, para dentro de mim e para as oportunidades que me cercam, percebo que faz muito sentido ficar para ajudar a enviar outros, usando a experiência missionária que tive no campo.

Enquanto, antes era Romanos 10.14b que pesava em meu coração, Deus abriu os meus olhos para Romanos 10.15: “E como pregarão, se não forem enviados?”. A igreja brasileira ainda está aprendendo a enviar bem os seus obreiros ao campo. Ela está aprendendo a se sacrificar financeiramente, a honrar sua palavra de

apoio financeiro, a interceder, a ensinar e preparar para o campo, a pastorear, a ouvir desabafos sem julgar, a cuidar dos filhos dos missionários, a entender que eles precisam de férias, etc.

E há um grande potencial missionário sendo desperdiçado. Jovens talentosos e com chamados lindos, se perdendo nos valores do mundo, que são muito mais sutis do que sexo, drogas, hedonismo carnal. Podem ser: reconhecimento de outros, estabilidade material, realização profissional. Eles se perdem por falta de orientação e encorajamento, e por excesso de preconceitos e desinformação.

Depois de buscar orientação de Deus, decido ficar. Ficar, para que muitos outros possam ir. E olha que interessante. Parece que novamente estou dizendo: é melhor eu ficar e os outros irem. Mas percebe a diferença? Apesar das boas intenções, no fundo eu queria ficar porque tinha mais controle em definir o que eu seria, a carreira que seguiria e o sucesso que poderia alcançar. Ao me lançar no campo, me lancei nas mãos de Deus para que ele, e não mais eu, definisse a minha identidade.

Hoje eu fico, mesmo querendo ir. Fico, em obediência. Fico, entregando meu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Fico, experimentando e tentando novas áreas - pelo menos até os 40! Fico, refletindo e agindo. Fico, me divertindo com o envio. E fico, sobretudo, **sendo** filha de Deus. O que sou, e o que você é, sempre serão mais importantes do que aquilo que nós fazemos ou de onde estamos. Que seja o Senhor a definir nossa identidade!



KATSUE FERNANDA, 32 anos, neta de japoneses em São Paulo, só foi se reconhecer oriental depois de morar por 5 anos na Ásia, vivendo entre ateus e muçulmanos. Gosta muito de jogos desafiantes. Fez administração na USP, trabalha na Frontiers Brasil e coopera no movimento Vocare.

CAPÍTULO 8

“VALEU A PENA!”

Era uma noite fria, provavelmente com temperaturas de 5 a 10°C, que agosto de 2011 me entregou. Muito cedo, até para o trabalhador mais afincado da cidade, pois três horas da madrugada ninguém deveria estar acordando, não é mesmo? Mas o que eu estou dizendo? Essa cidade é São Paulo, a cidade que nunca dorme!

Comi meu lanche de *fastfood* para amenizar meu estresse e fome, mas me enganei, a noite ainda seria longa. Olhei para minhas coisas e pensei: “Roupas, confirmado; notebook, confirmado; projetor, confirmado; Bíblia, confirmado; livros de estudo, confirmados”. Todas as malas estavam cheias. Tive até medo de ultrapassar o limite necessário pela companhia aérea, porém eu estava de mudança, pensei que tudo seria essencial.

Para adicionar ao clima de ansiedade e novidade desse dia, tive a oportunidade de conhecer meus tios que nunca havia visto e nem pensado que existiam. A vida é assim mesmo, nos surpreende. Depois de longas conversas e fotos, vejo que o tempo passou e a hora do meu embarque chegou. Momentos que nunca esquecerei.

Muitos abraços, muitos beijos e muitas lágrimas. Antes de entrar no portão de embarque no aeroporto de Congonhas, São Paulo, dou a minha última olhada para trás para ver aquelas pessoas que tanto amo e aprecio, para dizer a eles o meu último “tchau”.

Já dentro da sala de espera, muitos pensamentos me vieram à mente. O medo de não estar preparado, a dúvida se realmente aquilo era para ser feito, a preocupação com as pessoas que deixei para trás. Esse mar de dúvidas e medos me fez declarar a frase que ficou marcada em mim: “O que eu estou fazendo aqui, meu Deus?”.

Essa história acima aconteceu comigo, mas poderia ser uma narrativa de milhares de outros jovens que tiveram e terão experiências semelhantes à minha. Coragem e medo. Certeza e dúvida. Paixão e desânimo. Um turbilhão de sentimentos que fazem o descobrimento da vocação ser uma mistura de angústia com o êxtase do novo.

Comigo não foi diferente, porém pra narrar a minha jornada vocacional, preciso contar um pouco da minha história de vida e conversão. Na fase da adolescência, por causa dos problemas familiares de pais separados, tive uma crise existencial ao ponto que o suicídio me pareceu a única solução, mas algo me impedia de fazê-lo (Ah! A boa graça divina). Mesmo longe dos caminhos de Deus, eu visitava a igreja que minha mãe frequentava e num certo culto, ao observar o pastor pregando, senti um forte desejo no coração de pregar a Palavra de Deus. Chegando em casa, compartilhei com minha mãe o que senti, e então, ela respondeu com as seguintes palavras que nunca mais saíram da minha cabeça:

“filho, Deus te chamou para ser um pastor”. Minha resposta foi seca e irônica: “Eu nunca serei pastor!”. Que tolo! Nesse momento ainda não havia aprendido que nunca se deve dizer “nunca” pra Deus.

Um mês antes de completar 15 anos de idade, eu fui à igreja junto com o meu pai. Esse culto foi memorável. Logo no início, fiz algo que há muito tempo não praticava: a oração. Eu orei com todo meu coração pedindo perdão pelos meus pecados, e depois de um momento sobrenatural de Deus, eu entreguei a minha vida ao Senhor Jesus aos prantos. Deste dia em diante muitas coisas mudaram em mim. Primeiro, saí da casa da minha mãe para viver com meu pai. Segundo, Deus curou a minha crise existencial e mostrou que tinha uma razão de viver. Em terceiro, a confirmação sobre o meu chamado pastoral foi de imediato, Deus trouxe à memória a conversa que tive com minha mãe e colocou o desejo dentro do meu coração.

Como toda jornada vocacional reserva surpresas, Deus traria algumas para mim. A primeira coisa que eu fiz depois da conversão foi me envolver em ministérios e com isso fiquei responsável pelo painel de notícias da igreja. Dentre várias responsabilidades que o painel demandava, uma delas era de coletar as notícias missionárias. Pouco a pouco, sem eu perceber, o Espírito Santo me mostrava a sua vontade para o campo missionário, porém não como ocorreu com o chamado pastoral, que foi em um dia específico. Desta vez foi um processo no meu envolvimento com a igreja, com notícias missionárias na internet e com projetos de evangelismo. O meu coração ardia pra servir a Deus e minha oração constante era: “Deus, o que eu tenho de mais valioso te dou: a minha juventude!”. Eu também não havia ainda aprendido que o maior perigo da oração é que Deus ouve. E como Ele ouviu essa oração!

Aos 18 anos, fui para um seminário teológico em busca de capacitação para ambos os chamados. Sempre entendi que a vocação missionária e pastoral não são excludentes, mas sim, complementares. Logicamente não é necessário que missionários

sejam pastores, mas Deus pode dar mais de uma vocação para a mesma pessoa.

Como a vocação de Deus não é geográfica, mas sim funcional, eu não sabia para onde Ele queria que eu fosse, porém continuava firme entendendo que o mais importante não é o local pra onde vou, mas o meu coração estar disposto a servir. No entanto, essa etapa mudou quando estive no congresso regional da minha denominação. O Senhor da Seara me convocou para servir em Assunção, a capital do Paraguai. Relutei no início contra os meus paradigmas e preconceitos, pois entendia que missões era somente ir para longe, ao exótico e desconhecido, pois Paraguai é muito perto, não é verdade? Deus tinha muito o que me ensinar (e ainda tem). Aprendi que missões não é somente África e Ásia, mas a Missão de Deus é muito além de territórios geográficos, pois a intenção dele é reconciliar toda a criação de Deus consigo mesmo, seja aqui, ali ou além.


Imediatamente depois da minha chegada ao Brasil, fui correndo contar aos meus pais a grande novidade. “Pai, Deus me chamou para o Paraguai e em três meses estarei saindo”, afirmei no caminho do aeroporto para casa. Então, ele respondeu: “muito bem, meu filho, você já um homem e fico feliz com isso. Deus te abençoe”. Alguns dias depois fiz um telefonema e contei à minha mãe, crendo que receberia a mesma resposta. Que engano! O que eu ouvi foi: “Por quê?! Está muito cedo pra você ir embora”. E eu podia ouvir o choro da minha mãe do outro lado do telefone. Minha mãe sempre soube do meu chamado, mas, como dizem, “mãe é mãe”, e sempre sente falta do seu passarinho no ninho. Mesmo assim, jamais me impediu de servir a Deus.

No período de três meses, a minha vida teve uma reviravolta. De um seminarista de 20 anos de idade, agora fui ordenado pastor e estava indo para o campo missionário. Contudo, nem todas as coisas foram fáceis e um dos pontos difíceis foi o meu namoro. Depois de quase quatro anos de relacionamento com brigas e frus-

trações por causa do meu chamado missionário, pude aprender que não há união onde não há compartilhamento da vocação. Quando as vocações dos dois não coincidem não há futuro; por isso, ouço muitos lamentarem que o casamento os afastou da vontade de Deus.

Embarcando no aeroporto de São Paulo, fui diretamente para Peru, como parte do treinamento e preparo missionário, estive por meses nas altitudes da Cordilheira dos Andes, em Arequipa. Pela graça de Deus, pude participar da plantação de uma igreja no povo Chachani, aos pés dos vulcões arequipenhos. Ao terminar o preparo, fui enviado para o calor penetrante da capital da nação guarani, Assunção. Após muito esforço através do poder do Espírito Santo, famílias inteiras foram salvas, jovens foram transformados e a igreja foi abençoada.

Dias, meses e anos depois de obedecer à voz de Deus, agora posso dizer: “Valeu a pena”. Valeu a pena todas as lágrimas derramadas para gerar outras de pessoas transformadas por Deus. Valeu a pena perder um relacionamento para ganhar vidas novas para Cristo. Valeu a pena distanciar-me dos familiares para aproximar vidas a Deus. Valeu a pena largar o emprego para sentir no coração a sensação de dependência e realização completa no Senhor. Valeu a pena obedecer à voz de Deus, mesmo quando questionavam “por que ir longe se aqui há necessidades?”. Simplesmente valeu e vale a pena servir ao Dono da Missão; o que vocaciona, prepara e envia!

 **FELIPE FULANETTO** tem 24 anos, nascido em Campinas (SP), torcedor do Palmeiras, ama filmes, livros e viajar. Formado em Teologia e mestrando em Missiologia. Foi missionário no Peru e Paraguai e hoje é pastor na Igreja do Nazareno, coordenador de pesquisas missionárias da AMTB e pertence à organização do Movimento Vocare.

CAPÍTULO 9

VOCAÇÃO AO ENSINO

Descobrir minha vocação para o ensino foi um processo de idas e vindas, não estava ali o tempo todo. Primeiro tive contato com o que não gostava: aos 17 anos iniciei como ajudante na produção de peças para indústria automobilística; em pouco tempo passei de ajudante a aprendiz de programador de máquinas. Era um trabalho interessante, mas já percebia que não tinha a mesma vocação que os demais colegas de trabalho: eles gostavam muito de construir, de terminar trabalhos, e eu não.

O sentido para aquele trabalho era o meu sustento, não havia sentido ou qualquer motivação interna que não fosse essa (não acredito que todo o trabalho precise ser prazeroso, o sentido para o trabalho pode vir de fora dele, como o sustento da família, por exemplo). Fora da fábrica tinha os momentos de alívio com os

amigos, os momentos de celebração e festa no Coral Jovem da Primeira Igreja Batista em Santo André (SP) e as oportunidades de trabalhar em projetos sociais mantidos pela igreja.

O contato com os trabalhos sociais despertou o interesse por entender como funcionava a gestão de organizações sociais. Na mesma época conheci as ideias do grupo “fazedores de tendas”, numa conferência missionária, e passei a pensar minha carreira por outra lógica: não conduziria meus esforços de acordo com Mercado, ou seja, deixou de ser o salário a motivação para escolha dos destinos da minha atuação profissional. Passei pela fase de idealizar o campo missionário, mas percebia que, no fundo, era uma alternativa, mas não a alternativa ideal ainda. Eram orações angustiantes, questionando por que Deus não me respondia sobre o que deveria fazer e por que as coisas não encaminhavam para outra direção fora das fábricas.

A gente se sente um tanto por conta própria, tendo a certeza que está se voltando aos planos de Deus, renegando a atuação pelo simples salário, mas não tem resposta para dar às pessoas que perguntam sobre o que pretende fazer da vida. Foi uma angústia que demorou a passar. Deus simplesmente não respondia.

Já que não tinha resposta, por “conta própria”, decidi estudar gestão de voluntários para ajudar nos projetos da igreja e para procurar trabalho em outras áreas. Os cursos foram ótimos, mas o ano de 2002 era uma época difícil para arrumar trabalho em organizações sociais. Ainda tateando sobre o que fazer, e pensando na estratégia dos Fazedores de Tendas, me inscrevi em uma graduação em Gestão de Organizações Sociais. Mas o curso conseguiu número suficiente de alunos, e então eu decidi fazer Administração Geral.

Passaram-se os anos, estava quase para me formar. Imaginem a angústia: terminando a graduação e sem ter conseguido nenhum estágio em organização social, como tinha planejado. Nada. Ia e voltava para o trabalho como programador e a cada retorno era como uma derrota (apesar do respeito que tinham por mim e do alto salário que recebia aos 23 anos de idade).

Finalizada a graduação, cogitei a possibilidade de continuar os estudos. Era um risco ainda maior, já que a graduação não tinha representado a mudança que imaginei que representaria. Decidi tentar o mestrado em economia, me parecia interessante a ideia. Imaginei que minha voz teria mais força para falar contra as desigualdades que presenciava nos trabalhos que fazia voluntariamente. Ao pensar nessa questão do impacto da voz, de ser ouvido, me imaginei como formador de pessoas. Foi uma nova epifania: me vi nas salas de aula, podendo tratar da indiferença, da desigualdade. Seria um “formador de gente”.

A primeira tentativa de ingressar no mestrado foi frustrada, continuei na metalúrgica. Estudei mais um ano e consegui ingressar no mestrado em economia na PUC-SP. Saindo resultado, fui conversar com meus pais. Eles acompanhavam tudo, mesmo sem entender muito bem o que era um mestrado, e quando perguntei se poderia deixar tudo e arriscar no mestrado, tive como resposta: “vai, pode contar com a gente!”. Sem esse respaldo, não teria ido, não teria arriscado novamente. O “vai” deles foi determinante para o que viria a seguir.

Em março de 2006, iniciei as aulas na PUC-SP. Foi um ano incrível em que encontrei muita gente bacana que levo comigo até hoje. Pagava a mensalidades com o dinheiro da rescisão na metalúrgica e gastava quase zero com outras coisas; era tempo de “vacas muito magras”. Em 2007 consegui o primeiro trabalho como professor-assistente (hoje chamam de monitor), ainda não tinha a sala sob minha responsabilidade, mas já podia tirar dúvidas do grupo, dar palestras entre outras atividades auxiliares. Que alegria! Sabe quando você percebe que sonhou com uma coisa e ela está acontecendo? Era isso que eu sentia. O salário era um décimo do que ganhava antes (sem exagero), mas via que ali era um lugar a que valia a pena me dedicar.

Por conta de dificuldades financeiras, precisei parar o mestrado por um ano. Quando retornei, meu professor-orientador se dispôs

a “correr” com a dissertação e consegui terminar tudo no final de 2008. Nessa mesma época, surgiu um projeto de pesquisa na PUC sobre algo chamado “Nós do Centro”, que era financiado pela prefeitura de São Paulo e oferecia proteção social básica para residentes mais vulneráveis da região central da cidade. Fiquei bastante empolgado com a possibilidade de poder trabalhar nessa pesquisa e me inscrevi. Coincidentemente (com muitas aspas, obviamente), no mesmo mês soube de uma vaga para trabalhar como técnico nesse projeto. Enviei meu currículo e por já atuar na pesquisa sobre o projeto, viram vantagem em me chamar para trabalhar com eles na gestão. Era março de 2009, eu com 26 anos, atuando como técnico de um projeto incrível na prefeitura de São Paulo. Atuei nesse projeto por dois anos, cheguei a gerente de uma unidade de atendimento e acompanhávamos duas mil famílias em suas necessidades mais básicas.

No final de 2010 o contrato foi finalizado e a experiência promovida pelas ONGs participantes passou a ser uma política pública (que funciona até hoje). Um sucesso!

Além do trabalho como técnico e gerente tive chance de ingressar como professor de economia em uma universidade particular de São Paulo, em agosto de 2010. Se tivesse qualquer dúvida sobre a vocação para o ensino, foi desfeita nessa época. Tive a exata compreensão do que é dizer que a educação contribui para a emancipação das pessoas. Cada aula era um encontro para discutir a vida, encorajar nos desafios diários dos alunos e, mais importante, propor que aquela não era a única alternativa possível, que o mundo não precisava ser regido pela lógica de mercado (competitiva, indiferente, distante e excludora). Havia espaço para o trabalho cooperativo, para parceria e para promoção da igualdade.

A cada semestre, o reino de Deus chegava para 300 novos alunos que passavam pelas minhas aulas. Não por ser eu que falava, mas porque a lógica que era tratada ali era outra. Não se trata apenas de ensinar conteúdos, mas de apontar caminhos. Um professor não é

um falador, ele influencia e constrói sentidos, nos ajuda a entender como as coisas funcionam e como podemos interagir com elas. Um bom professor deixa marcas porque ensina como viver, não como montar planilhas; ensina quais as respostas possíveis diante dos dilemas profissionais e pessoais. Acontece que, para a sorte de todos eles, os meus referenciais de sucesso não eram o dinheiro ou a fama, muito menos a vitória nos moldes que conhecemos. O que receberam/recebem nas aulas são referenciais de justiça, cooperação e graça, em que o sucesso de um só faz sentido se houver o sucesso de todos.

Emancipação tem tudo a ver com o reino de Deus. Ser professor é uma profissão e é, na maioria dos casos, a vocação daquela pessoa que está ali na frente. Mesmo diante da grande indiferença que sofre, nenhum professor desiste de pensar que o futuro pode ser melhor e que as pessoas podem ser melhores. Há poder de Deus nisso, há força vinda do céu para que não desistam. Servir a Deus no ensino não é apenas na EBD, mas em todos os locais em que promovemos emancipação, justiça, um novo olhar sobre o humano e sobre a criação.



LEANDRO DE CARVALHO tem 32 anos e faz doutorado no Centro de Estudos Avançados da Universidade de Brasília (CEAM/UnB), na linha de pesquisa Desenvolvimento e Políticas Públicas. Continua como professor, somando sete anos nessa profissão-vocação-chamado.

CAPÍTULO 10

“QUANDO EU PENSAVA EM MISSÕES, TINHA MUITO MEDO”

Qual é a minha vocação? O que o Deus vivo me criou de forma única para ser e fazer?

Essa pergunta sempre fez parte de mim. A vida é somente uma, e o meu desejo mais profundo era saber e seguir o propósito pelo qual Deus me colocou nessa terra. Hoje eu tenho a clareza e a alegria de ter encontrado a resposta para essa pergunta. Mas foi uma jornada de anos, com crises, lágrimas, acertos e erros. Aí vai um pouquinho da minha história.

Meu nome é Sarah. Eu cresci em Curitiba (PR) em uma família cristã.

Quando pequena, eu ia ao acampamento Palavra da Vida no Paraná. Lembro bem da primeira vez que escutei falar sobre

missões. Eu ainda era uma menina, mas o meu coração já ardia por isso.

Quando tinha 12 anos, em um “culto da fogueira”, eu senti que Deus estava me chamando para missões transculturais. Mesmo sendo apenas uma garota, respondi “sim” e levei muito a sério essa decisão.

Voltei para casa e contei para os meus pais. Meu pai sempre foi um grande exemplo para mim, um homem de negócios bem sucedido que usava o seu trabalho e sua empresa para avançar o Reino. Meus pais me escutaram, mas eu tinha a sensação era que eles não me tinham levado minha decisão tão a sério. Acho que lá no fundo eles tinham o desejo de que eu me tornasse uma empresária bem sucedida, assim como meu pai.

Com o passar dos anos, comecei a perceber que Deus tinha me dado alguns talentos. As duas coisas que eu tinha mais facilidade para fazer era evangelismo e liderança. Então, pensei em me preparar da melhor maneira possível para exercer esses dons. Fiz o seguinte plano: primeiro estudar administração de empresas, depois estudar teologia em um seminário e, quando concluir tudo, ir para o campo missionário.

E aí começou a minha jornada de preparação. Tinha ouvido dizer que a melhor faculdade de administração de empresas no país era a Fundação Getúlio Vargas em São Paulo (FGV); então era lá mesmo que eu gostaria de estudar.

Durante todo o ensino médio estudei duro com um objetivo somente: passar no vestibular na GV. Aprendi a importância da disciplina e da determinação. Com muito estudo e pelo imenso favor de Deus, com 17 anos escutei a novidade tão esperada: tinha entrado na minha sonhada faculdade.

Mudei para São Paulo e me apaixonei pelo mundo empresarial. Vi que tinha facilidade e paixão por isso.

O meu desejo por missões não tinha morrido, mas quando eu pensava em missões, eu tinha muito medo. O meu maior medo,

sem dúvida, era se Deus ia me dar um marido que compartilhasse a minha paixão por missões. Se eu conhecia alguém que me interessava, eu procurava uma oportunidade para perguntar o que ele gostaria de fazer da vida. Se missões não fazia parte da resposta, eu desistia de tentar conhecê-lo melhor. Como as opções de rapazes com coração para missões eram restritas, o meu grande medo é que eu teria que ir para o campo solteira.

Outro grande medo era a expectativa dos meus pais. Eu sabia que lá no fundo os meus pais pensavam que em algum momento essa “história de missões” iria embora e que eu acabaria me rendendo ao mundo empresarial. Será que eles sentiriam orgulho de mim se eu não fosse uma empresária, mas uma missionária?

Outro medo ainda era: o que os meus colegas vão pensar de mim? Meus amigos da GV estavam destinados para o sucesso. Eles iriam trabalhar em bancos, multinacionais e no governo. O que eles iam pensar de mim se eu fosse “apenas” uma missionária?

E, obviamente, tinha também toda a questão financeira. Como eu iria me sustentar? Só de pensar em levantamento de recursos eu tinha dor de estômago. Como eu ia ter o meu ganha-pão?

Quando me formei da faculdade fui confrontada com maior dilema da minha vida. A empresa Unilever estava oferecendo um programa de *trainee*, no qual de 30.000 candidatos eles selecionam apenas 30 para investir como futura liderança da organização. Era o meu “emprego dos sonhos” no mundo empresarial. Fui passando por cada etapa do processo seletivo até que essa oportunidade me foi apresentada.

“E agora, José?” Que caminho eu iria seguir?

Se dissesse sim para o programa de *trainee*, eu teria uma ótima carreira pela frente, e dinheiro não ia me faltar. Se eu dissesse não, teria que enfrentar os meus medos. Mas se eu os enfrentasse que empolgante seria fazer parte de algo que poderia mudar o destino eterno de tantas pessoas!

Os dois caminhos eram vocações válidas. Mas tive que fazer a pergunta, talvez mais seriamente que nunca: qual era a *minha* vocação? Não a do meu pai, não a dos meus amigos, não a das minhas ambições, e não a dos meus medos. Se vocação vem do latim *Vocare*, e significa “chamar”, o que a voz do Deus vivo estava me chamando?

Quando levava isso em oração, Deus me trazia à memória aquela menininha do “culto da fogueira” no Palavra da Vida do Paraná. “Missões transculturais, minha filha. Eu te chamei para missões transculturais. Deixa tudo e siga-me.”

Eu decidi obedecer. Pedi demissão da Unilever, deixei tudo e fui estudar teologia no Regent College, no Canadá.

Não foi um caminho de flores. Lembro principalmente nos primeiros meses, do quanto eu chorava abrindo meu coração para Deus e perguntando se eu tinha tomado a decisão certa. Eu tinha conseguido um emprego de verão no Canadá como faxineira na minha residência para pagar com as despesas da escola. Minha mãe me ligava e, com todo amor, me dizia que acreditava que eu era um “talento desperdiçado.” Lembro-me de esfregar o chão na faxina e chorar para Deus dizendo: “Espero que o Senhor saiba o que está fazendo.” E como Deus sabia! Ele estava me formando, muito mais importante que um diploma ou uma formação acadêmica, Ele estava moldando o meu coração.

Encurtando uma longa história, cinco anos atrás o meu marido e eu nos mudamos para Itália para servir como missionários. É difícil colocar em palavras a alegria que tem sido ver Deus trabalhar aqui em Roma. Nesses anos, tive o privilégio de orar com dezenas de italianos que decidiram seguir Jesus, ver grupos evangelísticos começarem em grandes universidades de Roma, plantamos uma igreja e para glória de Deus batizamos até agora 20 amigos preciosos. Tudo isso ao lado e junto com o homem que Deus preparou minuciosamente para ser meu marido, amigo e parceiro na missão.

O que dizer? Levanto as mãos e minha alma transborda de gratidão. É emocionante pensar que Deus já havia preparado tudo isso e sabia do caminho que eu tinha que percorrer para chegar até aqui.

E mais. Quando eu disse “não” para a Unilever, eu pensava que estava abrindo mão do meu lado empresarial para servir da Missão. Mal sabia que Deus ia usar todo o meu treinamento e paixão por administração: nesses últimos anos pude fazer consultorias para o movimento estudantil (Aliança Bíblica Universitária) no Brasil, em Moçambique e aqui na Itália.

E se isso não bastasse, dois anos atrás eu tive o meu encontro mais pessoal com Deus de toda a minha vida no aeroporto de Dubai. Ali, Ele me chamou de modo muito claro para liderar o Encontro de Líderes Jovens de Lausanne em 2016 e, desde então, tenho tido a privacidade incrível de guiar a equipe internacional de planejamento para esse evento.

“Talento desperdiçado”? Deus é quem dá cada talento. Como eu poderia pensar que, se eu decidisse investir os talentos que Ele me deu no reino dEle, o Senhor ia esquecer ou desperdiçar os dons que Ele me deu? É claro que Ele não iria, mas usaria para a Sua glória.

Hoje eu sei que a minha vocação é liderar jovens para missão. Que paz profunda poder ter essa clareza para seguir em obediência essa vocação aonde Ele me levar.

Jesus é o Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas e elas reconhecem a sua voz.

A minha oração é que muitos jovens possam escutar a única voz que realmente importa. Que essa voz seja mais forte que os nossos medos. Mais forte que as expectativas dos pais. Mais forte que as nossas ambições. Mais forte que nossos sonhos. Pois Ele é o Bom Pastor, e não existe nada melhor do que seguir a sua voz.

SARAH BREUEL é missionária pela Sepal na Itália. Formada em administração de Empresas (FGV) e mestrado em teologia (Regent College), ela serve atualmente como Presidente do Encontro Global de Líderes Jovens de Lausanne 2016. Adora viajar e curtir praia em família.

CAPÍTULO 11

ROCK, JUVENTUDE E CHAMADO

Com 15 anos, é claro que eu tinha uma banda. Meus pais missionários eram bem “mente aberta”, então meu cabelo era longo até a cintura, minhas roupas eram pretas e o meu quarto era uma sala de ensaio. Eu tinha grandes sonhos: seríamos “estrelas do rock” para Jesus. Seríamos muito famosos e, por meio da fama, iríamos falar de Jesus. E como morávamos no interior, e um tanto desconectados, acreditávamos que éramos a primeira banda de metal progressivo cristão do mundo! Desenvolvi uma técnica de tocar bateria e rodar o meu cabelo em círculos ao mesmo tempo.

Em 2001, fui estudar numa faculdade em Curitiba, e descobri que outras pessoas já haviam pensado no que eu sonhava. Juntei-me a um grupo de jovens que estavam plantando uma igreja pra alcançar

jovens alternativos na cidade. Na nossa igreja tinha mais bandas do que gente! Mas Deus havia colocado um sonho em meu coração, apesar das minhas próprias ideias humanas, e essa visão continuou a crescer forte. Eu queria ver meus amigos e muitos outros jovens, que nunca entrariam numa igreja, ver que Jesus é real. Eu queria encontrar novas maneiras de comunicar a verdade e a realidade de Jesus para a minha geração, de forma que poderiam entender, para que eles tivessem o mesmo privilégio que eu tinha de conhecer a Deus.

Aos 12 anos, eu havia sido batizado e perguntado a Deus o que ele queria que eu fizesse com minha vida. Naquele dia eu já havia a convicção de que eu deveria servir em missões. Como eu conhecia o mundo missionário através dos meus pais, comecei a pensar: “precisamos de uma organização missionária pra alcançar essa galera!”. Então minha mente ambiciosa começou a trabalhar num novo plano de vida: fundar a primeira organização missionária para alcançar a cultura jovem fora da igreja.

Comecei a orar, pedindo que Deus me levasse a conhecer outras pessoas e ministérios que compartilhassem dessa visão em outras partes do mundo. Na mesma semana que comecei a orar. Aí apareceram duas meninas da Alemanha na nossa igreja. Elas me contaram de uma banda de missionários de várias partes do mundo que estavam fazendo shows em São Paulo. “Eles são malucos e tem um show muito doido que fala sobre Jesus”. Não pensei duas vezes, peguei o primeiro ônibus para São Paulo com um endereço anotado num papel.

Nessa época, eu estava com 17 anos, e eu não conhecia nada em São Paulo. Eu achei que “Arujá” era um bairro! Chegando à caótica rodoviária do Tietê, saí perguntando como chegar no tal endereço. Logo fui informado que Arujá é outra cidade e que eu tinha que pegar outro ônibus. Acabei chegando no pequeno centro de Arujá já quase meia-noite, e ninguém na rua. Consegui pegar o último ônibus local com um motorista que me deixou numa

estrada de terra, no meio do nada, dizendo que o lugar que eu queria chegar era descendo a estrada. Na escuridão completa, andando numa estrada de terra no meio do nada, as minhas orações ficaram mais fervorosas. “Deus, eu não quero dormir no mato!”. Eu não sabia exatamente o que estava fazendo, mas eu sabia no fundo do meu coração que Deus estava me guiando e que minha parte era simplesmente obedecer. Logo comecei a ouvir um som distante de guitarras distorcidas e andei em direção ao som.

Cheguei num local que parecia uma chácara típica de retiro de igreja, mas as pessoas ali não pareciam ser de igreja. Todos de preto, muitas correntes e piercings, casacos estilo “matrix”, e um cara usava uma máscara de oxigênio, não por razões de saúde, mas por estilo. Mais tarde descobri que eu havia chegado num encontro especial para pessoas que se interessaram na mensagem pregada pela banda *No Longer Music*, que havia acabado de fazer uma turnê pelo circuito gótico de São Paulo, passando por casas de show como Madame Satã e Deja Vu.

Vi o show da *No Longer Music* pela primeira vez, com sua demonstração da crucificação e ressurreição de Jesus numa linguagem artística e contemporânea, e vi a reação de entrega das pessoas que ouviram a mensagem clara do evangelho. Eu sabia que estava no lugar certo e que Deus havia respondido minhas orações. No dia seguinte, me encontrei com David Pierce, o líder da banda. Eu contei para o David sobre meu plano ambicioso de iniciar uma missão para alcançar jovens e apoiar o tipo de trabalho que o *No Longer Music* fazia. O David ouviu pacientemente e disse: “Você já ouviu falar do *Steiger*?”. “Não”, eu respondi. “Basicamente é a organização que você está descrevendo.” Ele continuou: “Talvez Deus esteja te chamando para começar uma nova missão, ou talvez ele queira que você se junte a nós. Se quiser se juntar a nós, você deve ir ao nosso encontro que acontecerá no mês que vem”. Eu estava chocado e entendi de imediato que novamente o plano de

Deus era maior e melhor que o meu. Então eu disse: “Claro, eu vou! Onde será?” “Na Polônia”, ele respondeu.

Eu senti como se tivesse numa montanha russa, onde eu deveria apenas curtir a viagem! O fato é que o chamado de Deus é incrivelmente poderoso e consumidor. Quando ele nos chama, é algo que vai além do nosso entendimento e forças. A nossa parte é simplesmente obedecer. Cheguei em casa depois daquele fim de semana e liguei para minha mãe. “Mãe, preciso ir para Polônia”. “Porquê?”. “Estou me juntando a uma missão chamada Steiger.” “Ok, se cuide e não esqueça de ligar!”. Então vendi minhas coisas, comprei uma passagem e parti. Deus estava respondendo as minhas orações e eu estava disposto a fazer qualquer coisa necessária para fazer parte daquilo que ele estava fazendo!

Nos últimos 14 anos, temos visto literalmente milhares de jovens respondendo à mensagem do evangelho pelo Brasil, América do Sul, Europa e o Oriente Médio, com turnês de bandas que pregam o evangelho abertamente. Fizemos parte da formação da Missão Steiger no Brasil, iniciamos uma casa comunitária e estudos bíblicos para o discipulado, enviamos dezenas de jovens para o treinamento missionário e envolvimento mais longo prazo na missão. Durante esse tempo também me casei e tivemos nosso primeiro filho. Então temos o privilégio de servir a Deus em missões como família. Tem sido um desafio enorme, muitas vezes uma luta intensa. Passamos por exaustão completa, medo, dificuldades e frustrações, mas tudo vale a pena quando vemos vidas salvas e o mundo e a história sendo impactada e mudada pelo poder do evangelho. O que nos mantém firmes é o chamado poderoso de Deus.

A geração urbana, conectada pelo consumismo, a mídia e a indústria do entretenimento forma a maior cultura global que já existiu. Presente desde a Europa até a América do Sul, da Ásia até o Oriente Médio, compartilhando os mesmos valores, ouvindo a mesma música, assistindo os mesmos filmes e postando as mesmas

ideias nas redes sociais. Esta cultura global é influenciada por uma cosmovisão predominante, o humanismo secular, que diz que Deus está morto e o homem está no centro. Nesta cultura relativista, nós somos deus e o consumo é a nossa religião.

Esta é uma geração que não busca mais respostas na igreja, porque a consideram uma tradição vazia e morta. Ou Deus não existe ou, se Ele existe, Ele não interfere em nossas vidas. Mas Deus está numa missão, e seu coração está quebrado por esta geração. A mensagem do seu amor, o evangelho, é para todos, e não é justo que jovens hoje não possam ouvir porque não estamos tornando esta mensagem acessível a eles. Eles não virão até nós, então precisamos ir até eles. Como Igreja de Cristo, precisamos perceber esta mudança gigantesca de mentalidade e estilo de vida das últimas décadas e a necessidade de uma mudança de paradigma em missões.

Este é o nosso manifesto. Desafiar o “status quo” da cosmovisão predominante humanista secular e desmascarar sua natureza opressiva. Levantar a Cruz fora da igreja e ver a mensagem de um Deus amoroso, revelado em Jesus, impregnada nesta cultura globalizada. Ver esta geração encontrar esperança e propósito novamente ao encontrar o seu Criador. E através disso radicalmente e eternamente mudar o mundo.



LUKE GREENWOOD trabalha com a missão Steiger desde 2002, no evangelismo e discipulado em algumas das cenas menos alcançadas da cultura jovem global. Trabalhou muitos anos no Brasil. Atualmente mora com sua família na Polônia, como diretor para a Europa o Steiger e diretor de treinamento. No tempo livre, gosta de pescar.

CAPÍTULO 12

JOVENS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL (POR ORDEM DE IDADE)

É muito interessante notar que alguns dos que contribuíram para a evangelização do Brasil converteram-se ou responderam a um “chamado específico” de Deus quando eram bem jovens. E que, pela graça de Deus, se mantiveram fieis à vocação maior até o fim de suas vidas.

COM IDADE DE 16 ANOS

JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA, o tradutor da Bíblia até hoje lida no Brasil e em outros países de língua portuguesa, converte-se ao protestantismo na Holanda, em 1644. Como missionário da Igreja

Reformada Holandesa, respectivamente na Malásia, Indonésia e Ceilão, torna-se conhecedor das línguas originais da Bíblia (hebraico, aramaico e grego) e traduz toda a Bíblia, exceto Daniel e os profetas menores (por ter morrido aos 63). A princípio, a tradução de Almeida, nascido perto de Viseu, em Portugal, destinava-se apenas aos falantes da língua portuguesa residentes no sudoeste asiático. A partir de 1809, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira começa a editar e enviar a Bíblia de Almeida (a 32ª versão integral das Escrituras nas línguas modernas) para Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe.

COM A IDADE DE 22 ANOS

ASHBEL SIMONTON, o missionário pioneiro da Igreja Presbiteriana do Brasil, em maio de 1855 renuncia qualquer outra esperança de salvação senão a “livre e imerecida graça de Deus” e faz uma aliança pública com o Senhor “para ser dele no tempo e na eternidade”. É ele que ordena o primeiro pastor brasileiro e funda a *Imprensa Evangélica*, o primeiro jornal protestante da América do Sul (em 1864, aos 31 anos).

DANIEL KIDDER, o primeiro representante da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, desembarca no Rio de Janeiro em 1837. Kidder viaja por várias províncias do país e provoca um verdadeiro derrame de Bíblias por meio de vendas e doações, quando o livro era pouco ou nada conhecido. Ele tem 30 anos quando seu precioso livro *Reminiscências de Viagens no Brasil* é publicado (1845)

COM A IDADE DE 23 ANOS

JEAN DE LÉRY, um dos 14 voluntários da Igreja de Genebra enviados por Calvino à França Antártica a pedido de Villegagnon,

desembarca na ilha de Coligny, na Baía de Guanabara, em março de 1557. Menos de um ano depois, três de seus companheiros são manietados, estrangulados e jogados no mar por ordem do Governador (fevereiro de 1558). Léry escapa do martírio porque consegue fugir do Forte Coligny para a terra firme onde convive com os nativos. De volta a Genebra, ele escreve *Viagem à Terra do Brasil*, com muitas informações nos campos da antropologia e etnografia.

COM IDADE DE 24 ANOS

HENRY MARTYN, missionário da Igreja da Inglaterra na Índia onde traduz o Novo Testamento e o Livro Comum de Oração para o hindustani, aproveita a escala do navio que o levava para a Índia em Salvador e passa quinze dias na cidade Impressionado com a quantidade enorme de cruzes e supondo que o povo não conhecia o sacrifício vicário de Jesus, escreve em seu diário um dos mais notáveis clamores missionários: “Que missionário será enviado para trazer o nome de Cristo a esta região ocidental? Quando será que esta linda terra se libertará de idolatria e do cristianismo espúrio? Há cruzes em abundância mas quando será levantada a doutrina da cruz?”

COM IDADE DE 25 ANOS

WILLIAM BAGBY, o missionário pioneiro daquela que é hoje a Convenção Batista Brasileira desembarca no Rio de Janeiro em março de 1881, dois anos depois de ser ordenado pastor e quatro meses depois de seu casamento com Anne Luther, então com 22 anos.

COM A IDADE DE 26 ANOS


DANIEL BERG, um dos dois missionários pioneiros da Assembleia de Deus no Brasil, desembarca em Belém do Pará em novembro

de 1910. Berg e seu patrício Gunnar Vingren não sabem uma palavra em português, têm apenas noventa dólares no bolso e não há ninguém para recebê-los no porto. Hoje a denominação por eles fundada é a maior do Brasil.

ROBERT KALLEY, o missionário pioneiro da Igreja Congregacional no Brasil converte-se ao evangelho e torna-se membro da Igreja Presbiteriana da Escócia, em 1835, vinte anos antes de vir para o Brasil. Nascido em lar presbiteriano, ele abandonou a igreja e descambou para o ateísmo quando estudante de medicina. Depois de convertido, torna-se um missionário biocupacional, na Ilha da Madeira e depois, no Brasil (de 1855 a 1876).

COM IDADE DE 30 ANOS

SARAH KALLEY, segunda esposa do médico missionário Robert Kalley (16 anos mais velho) e primeira mulher missionária permanente a vir para o Brasil, desembarca no Rio de Janeiro em maio de 1855. Ela é a mãe do primeiro hinário brasileiro, chamado *Salmos e Hinos*, publicado primeiramente em 1861, quando Sarah tinha apenas 36 anos. Atualmente, o hinário tem 608 hinos, dos quais 72 são da autoria dela.

 **ELBEN MAGALHÃES LENZ CÉSAR** é redator-fundador da revista *Ultimato* e autor de diversos livros como “Mochila nas Costas e Diário na Mão” (sobre a história de Ashbel Green Simonton).

PARTE 3

DÚVIDAS

CAPÍTULO 13

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE VOCAÇÃO

Reunimos algumas perguntas feitas por jovens sobre vocação. As respostas a seguir não possuem a pretensão de tratar exaustivamente cada questão. Sabemos que muita coisa depende do contexto em que estamos inseridos e das relações e vínculos que construímos. No entanto, considere a tentativa de respostas tão somente como uma forma de ajudar a dar um “norte” para a caminhada vocacional de cada um.

Toda a minha família segue uma vocação específica. Devo eu fazer o mesmo? Chamado é hereditário?

Nenhum texto bíblico que se aplica aos nossos tempos apoia a ideia de que há alguma vocação hereditária. É comum que muitos filhos de

missionários ou pastores sintam-se inclinados para seguir os passos de sua família, mas isso não é uma obrigação. Deus tem um propósito específico para cada pessoa, e isso não é relacionado com hereditariedade.

Não consegui entrar na universidade. Isso é um sinal para minha vocação?

O insucesso profissional e acadêmico não é uma indicação para sua vocação. Devemos ter cuidado com isso, pois grandes homens e mulheres de Deus foram muito bem sucedidos em suas respectivas tarefas, contudo, Deus os chamou para uma obra à parte. No entanto, há sim uma possibilidade que as portas podem estar sendo fechadas para indicar o caminho da sua vocação, mas tenha muito cuidado com essa afirmação. E há a possibilidade de que Deus queira que você exerça seu trabalho na universidade com a visão do reino de Deus.

Meu coração arde por um ministério específico. Isso é um sinal pra minha vocação?

Sim, isso pode ser um sinal para sua vocação, mas cuidado para não ser apenas emoção, o chamado “fogo de palha”. A vocação é uma convicção e não emoção; ela perdura além de um retiro espiritual, um culto especial ou um vídeo. No entanto, muitas vezes a convicção nasce de uma paixão. Também é verdade que temos altos e baixos na caminhada espiritual, porém se essa chama no seu coração não se apagou, possivelmente é indicação do Espírito Santo para sua vocação. É importante que você teste este ardor. O melhor ambiente será a sua igreja local. Por isso, coloque-se à disposição para servir em algum ministério.

Vocação sempre está interligada com aquilo que gostamos/conseguimos fazer?

Não. A vocação sempre é um chamado para o ideal de Deus, e não para o conforto. Veja histórias como de Isaias, Jeremias, Moisés,

Jonas, Pedro e outros. Todos colocaram empecilhos para sua assumir suas vocações, mas Deus os usou tremendamente.

Posso ter mais de um chamado?

Sim, não é incomum Deus dar mais de uma vocação ministerial para a mesma pessoa, porém uma delas será predominante. Por exemplo: pastor e mestre; louvor e evangelista; missionário e pastor; intercessão e caridade; profissional e evangelista. Um bom exemplo é Paulo que, entre as cinco áreas ministeriais que ele mesmo listou em Efésios 4.11, certamente ele era, pelo menos, apóstolo e mestre. Porém, entendemos que Deus também pode nos chamar para funções específicas em momentos específicos do ministério, como alguém que foi pastor durante 35 anos com plena convicção da sua vocação e, de repente, Deus o chama para ser mestre nos próximos 15 anos.

Tenho medo de estar desperdiçando a minha vida porque não sei a minha vocação. O que eu faço?

O seu sentimento de não querer desperdiçar a vida é algo maravilhoso. Você está no caminho certo. Tenha paciência e perseverança, pois Deus normalmente não revela toda a jornada que iremos trilhar, mas nos mostra o próximo passo. Continue em oração e servindo a Deus dentro das suas oportunidades, que em breve Deus mostrará o que você deve fazer.

TREINAMENTO E VOCAÇÃO

Preciso estudar teologia para seguir na minha vocação?

Tudo dependerá da sua vocação. No caso da vocação pastoral normalmente todas as denominações exigem um treinamento teológico. Para outras vocações, o estudo da teologia será uma grande

ferramenta para te capacitar, porém não é um requisito necessário. Converse com seu líder espiritual e veja qual é a melhor opção.

Preciso fazer um preparo acadêmico/universitário para minha vocação?

Hoje, na nossa sociedade altamente desenvolvida e profissionalizada, um treinamento acadêmico/universitário sempre será muito bem aproveitado. Ore e busque um curso que seja na área da sua vocação, porém esteja em alerta para que o preparo acadêmico não seja um motivo de dispersão para a jornada ministerial que Deus o escolheu.

IGREJA E VOCAÇÃO

Sei qual é minha vocação, mas a minha igreja não me apoia. O que eu devo fazer?

Primeiro, respeite a decisão da sua igreja. Não fique com rancor ou com desejo de ir embora. Deus pode estar usando esse momento para transformar você ou ainda também querendo te usar para mudar a mentalidade das pessoas. Comece a servir com coração grato em sua igreja e ore sem cessar para que uma oportunidade lhe seja aberta. Também tente influenciar positivamente os líderes de sua igreja quanto ao tema da sua vocação.

Eu me converti recentemente e os líderes não acreditam na minha vocação. O que faço?

A Palavra de Deus nos orienta que devemos crescer espiritualmente e em maturidade para servir em alguns ministérios específicos. Tenha paciência e perseverança. Com o tempo os seus frutos dentro da sua igreja demonstrarão a todos a sua vocação.

Eu não estou frequentando uma igreja, mas já me sinto vocacionado. Posso servir mesmo assim?

Você precisa compreender a importância de estar inserido dentro de uma comunidade. Além de ser uma ordenança bíblica de irmos à igreja (Hb 12.25), é dentro dela que somos edificados espiritual e ministerialmente, servindo uns aos outros, pois não há vocação sem comunhão.

Sinto-me vocacionado para tarefas paraeclesiais. Posso obedecer a Deus mesmo assim?

Sim, você pode servir a Deus em atividades paraeclesiais, como organizações não governamentais, no seu trabalho, em agências missionárias e de outras maneiras. Contudo, não deixe de frequentar uma igreja e servir dentro da sua comunidade de fé.

TRABALHO E VOCAÇÃO

Eu preciso abandonar meu emprego para viver minha vocação?

Não. Em muitas vocações não lhe será necessário abandonar o seu emprego, porém há momentos em que Deus pode requerer isso de você. Então, esteja disposto a obedecer a vontade dele.

O que faço em meu emprego pode fazer parte da minha vocação?

Sim, no entanto, Deus poderá te orientar para usar a sua profissão em outra atividade específica. Então, tenha um coração de servo para obedecer à vontade divina.

VOCAÇÃO E FUTURO

Já sei o que fui escolhido para fazer, mas não sei por onde começar. E agora?

Primeiramente converse com sua família e seus líderes da igreja, eles serão os mais eficazes para te instruir e acompanhar. Logo

depois procure capacitar-se para servir com excelência, pois Deus usa tudo aquilo que nos propomos a estudar. Também tenha sempre um coração de servo, esteja disposto a fazer aquilo que não é de seu agrado ou aptidão. Por fim, ore e busque a santificação diariamente. Uma vida reta diante de Deus é o maior instrumento para ser usado dentro do Reino.

Meu chamado é missionário, mas para onde devo ir?

Saiba que a vocação missionária não é geográfica, mas sim funcional, ou seja, Deus não nos chama para países, mas para servi-lo seja onde for. O mais importante não é o local pra onde você vai, mas o seu coração estar disposto a servir a Deus, custe o que custar. Sabendo disso, procure observar as maiores necessidades no campo missionário e ore a Deus para te dar a direção correta.

Eu ainda luto muito com algumas áreas de pecado, mas sinto que sou vocacionado. Preciso estar em mais santidade para seguir a minha vocação?

Deus pode nos usar, apesar dos nossos pecados. Porém é extremamente importante você viver aquilo no que crê. Por isso, procure ajuda de pessoas confiáveis para te instruir como vencer esses pecados e então você será completamente livre para atuar dentro da sua vocação.

Todo missionário precisa ser um pastor?

Não. Vocação pastoral e vocação missionária são distintas, porém uma pessoa pode ter ambas e elas se complementarem. Tudo dependerá da função que o missionário exercerá no campo que lhe foi designado. Vale ressaltar que chamado não é título, isto é, alguém pode exercer a vocação pastoral, mas não ter o título de pastor(a).

VOCAÇÃO E FAMÍLIA

Posso casar com alguém que tenha outro chamado?

Tudo dependerá de qual vocação, mas normalmente o casal não tem o mesmo chamado. A vocação de ambos não deve se contradizer, os dois devem estar conscientes e dispostos a abrir mão de seus desejos pelo do outro. Na maioria das vezes, a maior dificuldade está relacionada à vocação pastoral e missionária. Certifique-se que seu namorado(a) ou noivo(a) entende corretamente sua vocação e está disposto(a) a te acompanhar ou tem a mesma vocação, pois isso demandará envolvimento integral dele(a), ou perto disso.

Meus pais são autoridade na minha vida. Se eles não apoiarem a minha vocação, é um sinal de Deus para eu desistir?

Caso você esteja debaixo da tutela de seus pais é importante respeitar a opinião deles e obedecê-los. Contudo, se você é independente deles e vive sozinho, siga na vocação que Deus te chamou e, com amor e respeito, mostre aos seus pais quão importante é servir à vontade do Senhor.

VOCAÇÃO E SAÚDE

Tenho uma doença crônica, mas me sinto chamado para servir num lugar que não tem condições básicas para me tratar. Devo ir mesmo assim?

Converse com seus líderes e familiares sobre a sua situação. Se todos te aconselharem a ficar, então não vá, mas caso contrário, obedeça sabiamente, confiando que Deus suprirá todas as suas necessidades. Por isso é importante ter convicção do seu chamado, e não apenas emoção.

Tenho uma deficiência física, mas me sinto vocacionado. São muitas as barreiras que terei que vencer. Será que Deus realmente está nisso?

A deficiência física não é um motivo para que você não faça a vontade de Deus, muito pelo contrário, poderá ser o maior instrumento para realização da sua vocação, como por exemplo, um surdo terá mais facilidade para alcançar outra pessoa com a mesma característica.

PARTE 4

**UM MOVIMENTO
PELA VOCAÇÃO CRISTÃ**

CAPÍTULO 14

VOCARE

Imagine se existisse, não somente um interesse, não apenas uma intenção, não só um sermão ou um livro, mas, sim, um **movimento** em favor da vocação! Líderes, jovens, agências missionárias, igrejas, editoras, organizações... todos dispostos a trabalhar juntos para que a juventude brasileira caminhe, com obediência e ânimo renovado, na direção em que Deus chamá-la.

Este é o sonho do **Vocare** – um movimento, sob a liderança da AMTB (Associação de Missões Transculturais Brasileiras), reunindo organizações e ministérios que levam a sério a juventude e também a experiência espiritual do chamado de Deus.

Oficialmente, o Vocare começou em novembro de 2012, em São Paulo, mas as sementes foram plantadas bem antes nos corações de outros homens e mulheres sonhadores envolvidos com o CBM

(Congresso Brasileiro de Missões). Em abril deste ano (2015), foi realizada a primeira edição do Encontro Vocare, com mais de 700 adolescentes e jovens em Maringá (PR). Foi um tempo único de despertamento, orientação, encorajamento, encontro e dedicação ao “Senhor da Seara”. O próximo evento já está marcado: 21 a 24 de abril de 2016, no mesmo local (Unicesumar, Maringá).

O Movimento Vocare pretende mobilizar e conectar adolescentes e jovens cristãos na Missão de Deus. Como? Encorajando-os a descobrir seu chamado e aproximando-os das oportunidades de serviço que Deus tem dado à igreja brasileira. A AMTB consegue reunir dezenas de agências missionárias com trabalho efetivo em diversos lugares do Brasil e do mundo, nas mais diferentes áreas de atuação. Queremos que o vocacionado descubra os “campos brancos” e tome a coragem de adentrá-los, seja em seu ambiente de estudo, trabalho ou, especificamente, em um campo missionário transcultural.

Estamos juntos no Vocare! Queremos continuar juntos. Queremos que você conte conosco em sua caminhada com Deus e com sua missão no mundo. Que sua fé tome a forma de um *ato de entrega*. Que as palavras de Jesus ecoem em sua mente e penetrem seu coração: “negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”. Numa linguagem mais atual, “deixe de ser o centro de tudo, viva a sua própria realidade e vá em frente nas pegadas de Jesus”.

Não paramos de sonhar. É só o começo. #GoVocare!

CONSELHO GESTOR DO MOVIMENTO VOCARE

www.vocare.org.br

CAPÍTULO 15

AS AGÊNCIAS MISSIONÁRIAS AINDA SÃO NECESSÁRIAS?

As agências missionárias, muitas vezes chamadas de “para-eclesásticas”, são ainda necessárias? É comum ouvirmos que elas seriam um “mal necessário”, surgidas no vácuo da igreja, na medida em que ela, a igreja, não assume o seu papel na proclamação do evangelho até os confins da terra, conforme nos ordenou o Senhor Jesus na grande comissão (Mt 28.19-20), lançando luz sobre a missão que já vinha sendo revelada, de forma progressiva, desde o início dos tempos (Lc 24.44-48).

Segundo essa lógica, se as agências, também chamadas “sociedades missionárias”, têm sua razão de existir na falta de engajamento da igreja, tradicionalmente compreendida como os ajuntamentos

denominacionais, na medida em que essa igreja assume o seu papel “kerygmático» (de proclamação)’ e “apostólico” (de envio), (Mt 24.14, At 13) tais organizações deveriam deixar de existir. Ou não?

O crescimento significativo das igrejas evangélicas no Brasil nas últimas décadas, assim como seu enriquecimento, têm suscitado essas e outras questões sobre as quais devemos refletir e apresentar respostas bem fundamentadas na Palavra.

Ralph Winter, importante missiólogo norte-americano, defendia a visão de que, desde o início do cristianismo, há dois modelos que ele chama de “estruturas redentoras” operando de forma concomitante em prol do avanço do evangelho através da história, e é fundamental compreendermos que ambas as estruturas representam a Igreja de Jesus Cristo. (*)

Tais estruturas são funcionalmente semelhantes, apesar de formalmente diferentes. No Ocidente, entendemos que tanto as estruturas eclesíásticas quanto as sociedades missionárias são legítimas representantes do Corpo de Cristo e igualmente necessárias para a sinalização do reino de Deus e o avanço do Evangelho até os confins da terra. Porém, nenhuma delas é manifestação exclusiva da Igreja que, ao longo da história, já se organizou de diferentes maneiras. Portanto, as sociedades missionárias poderiam ser chamadas de “para-denominacionais”, mas nunca de “para-eclesíásticas”. Devemos lembrar que alguns modelos denominacionais tiveram origem, por exemplo, na matriz cultural romana, e a própria igreja neotestamentária desenvolveu-se a partir do modelo das sinagogas.

A partir de Antioquia se evidencia uma nova estrutura representada pela equipe missionária de Paulo. Num primeiro momento, a igreja de Antioquia reconhece seu chamado e envia Paulo e sua equipe (At 13). Ao longo do Novo Testamento, porém, formam essa estrutura relativamente independente, que em alguns momentos é sustentada por ofertas enviadas pelas igrejas, até mesmo das próprias comunidades que plantaram, em outros

por ofertas individuais, e em outros ainda o apóstolo trabalha com suas próprias mãos para prover o sustento dele e de sua equipe (2 Co 11.8-9; Fp 4.10-20; At 20.34). Trata-se de um grupo de obreiros fiéis, qualificados e experimentados, que tomaram a decisão de participar prioritariamente dessa segunda estrutura, mesmo sendo membros da primeira.

Esses irmãos se veem como parte do mesmo Corpo, e demonstram submissão (At 15), mas operam pela orientação direta do Espírito Santo e se reúnem em torno de uma causa específica: levar o evangelho até onde Cristo ainda não fora anunciado (Rm 15.20-21).

As comunidades locais são abertas a todos, homens, mulheres e crianças, e, por natureza, têm o poder de perpetuarem-se. As sociedades missionárias têm critérios excludentes para participação (At 15.37-39), demandam determinadas qualificações e avançam sobre propósitos muito específicos, o que lhes confere *expertise*, agilidade e liberdade para dar passos e tomar decisões que a comunidade eclesial não tomaria.

A equipe missionária de Paulo “nutria” a igreja e tinha um importante papel de apoio. As sociedades missionárias existem para apoiar a igreja no que diz respeito à proclamação do evangelho em contextos específicos.

Winter afirma que as estruturas representadas pelas sociedades missionárias foram a grande força motriz na expansão do Evangelho, e chama atenção para o fato histórico de que é um risco quando a associação missionária passa para o domínio total de um governo eclesial, pois fica sujeita a interesses mais amplos e diversos.

Temos hoje no Brasil dezenas de “sociedades missionárias” que se reúnem fundamentalmente em torno do cumprimento da Grande Comissão. Trata-se de grupos especializados que existem para servir à igreja. Temos agências que atuam há muitas décadas entre uma determinada cultura ou região do planeta, e cuja experiência e *know-how* são fundamentais para que o empreendimento missionário seja feito de forma adequada: bíblicamente fiel, e cul-

turalmente relevante. Além disso, estão estruturadas para prestar apoio logístico e todo o acompanhamento necessário para que os missionários cumpram a sua vocação.

É fundamental que os vocacionados para a obra missionária transcultural -- seja ainda em fase de preparação, seja na eminência de saírem a campo -- associem-se a uma agência missionária que, servindo à igreja, assume o papel de facilitadora na execução da sua vocação, e, ao mesmo tempo, aferidora de seu desempenho e orientadora na sua caminhada ministerial. Aqueles que foram a campo sem essa estrutura e parceria, devem rever, com urgência, essa decisão, pois temos visto muitos equívocos sendo cometidos e muitos irmãos, às vezes com suas famílias, retornando gravemente feridos emocional e espiritualmente como efeito colateral de uma empreitada missionária independente. As organizações missionárias filiadas à AMTB comprometem-se com um “padrão de qualidade” comum para sua atuação, e contam com o apoio de uma comissão teológica e uma comissão de ética para ajudá-las a discernir as melhores ações. Você pode conhecer melhor essas organizações por meio do site www.amtb.org.br.

No empreendimento missionário, estruturas eclesiais e vocacionados não devem prescindir desse importante segmento da igreja, assim como as sociedades missionárias devem reconhecer-se parte do mesmo corpo do Cristo a quem servimos.

(*) As Duas Estruturas da Missão Redentora de Deus”, Ralph D. Winter, em “Missões Transculturais, uma Perspectiva Histórica”. Ed Mundo Cristão.



CASSIANO LUZ, 42 anos, é diretor da SEPAL (Servindo aos Pastores e Líderes) e presidente da AMTB (Associação de Missões Transculturais Brasileiras).

CAPÍTULO 16

FERRAMENTAS PARA VOCACIONADOS

1. ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

- Site www.vocacionados.org.br

Neste site, você encontrará orientação bíblica sobre vocação, respostas a várias perguntas que normalmente surgem neste momento e também informações sobre o preparo e envio missionário.

2. OPORTUNIDADES PARA VOLUNTÁRIOS

- Conecta voluntários com as necessidades de agências missionárias, ministérios cristãos e igrejas: www.chamado.org.br
- Evangelismo em escolas: www.portalescoladavida.com.br
- Arte cênica, palhaço, música: www.jovensdaverdade.com.br
- Socorro emergencial, com a Rede SOS Global e AME: www.amesperanca.com.br/novo

3. FORMAÇÃO TEOLÓGICA/MISSIOLÓGICA

- Centro Evangélico de Missões (CEM), oferece cursos de missões de curta duração de dois anos e mestrado em missiologia: www.cem.org.br
- Projeto Marcos (Palavra da Vida – Norte), com formação em missões e bacharelado em teologia, com foco nos jovens: www.pvnorte.com.br/projetomarcos
- Capacitar: curso intensivo nas áreas de antropologia cultural, plantio de igrejas e aquisição de línguas: www.capacitar.org.br
- Movimento Perspectivas, com cursos missionários nas perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégica: www.perspectivasbrasil.com

4. VIAGENS MISSIONÁRIAS

- Expresso Ação: www.expressoacao.org.br
- Jocum Maringá: www.jocummaringa.com.br
- Missão para o Interior da África (MIAF): www.miaf.org.br/home.asp
- Projeto On Track (curto prazo) da Interserve Brasil: isbpessoal@gmail.com

5. MATERIAL DE ESTUDO

- Bíblia Missionária de Estudo (SBB). Importante e inédita ferramenta de estudo bíblico sobre missões: www.ultimato.com.br/sites/timcarriker/2014/11/20/o-nascimento-da-biblia-missionaria-de-estudo/
- Revista Ultimato: há 47 anos, com circulação ininterrupta, discute missão, teologia e vida cristã: www.ultimato.com.br

- DVD “Envolve-se”. Documentários, entrevistas, dados sobre a realidade mundial relacionada às necessidades missionárias. Informações: Mila Gomides - milaghil@gmail.com
- Revista Portas Abertas, notícias sobre a Igreja Perseguida em todo o mundo: www.portasabertas.org.br

6. PROJETOS

- A Bíblia em Cada Casa (JOCUM): www.jocummaringa.com.br/abecc.html
- Paralelo 10: projeto que apoia líderes das regiões Norte e Nordeste do Brasil na prática da Missão Integral: www.ultimato.com.br/sites/paralelo10/

7. OUTROS

- Agência que envia missionários, realiza pesquisas e apoia o crescimento da igreja brasileira: www.sepal.org.br
- UniCesumar: universidade que apoia e acolhe os Encontros Vocare www.cesumar.br
- Irmaos.com: entrevistas gravadas com preletores e participantes do Vocare 2015: www.irmaos.com/podcast/
- Interserve Brasil. Agência que envia missionários ao norte da África e Ásia, prioritariamente usando suas profissões: www.cem.org.br/site/interserve (site brasileiro) e www.interserve.org (site internacional)
- Instituto TeenStreet Brasil: reúne, conecta e inspira adolescentes para uma vida intensa com Cristo, sua igreja e seu Reino no mundo contemporâneo. Realiza encontros anuais e oferece recursos de ensino para esta geração. www.tsbr.org.br

Vocação e Juventude: a fascinante jornada entre o ser e o fazer é mais um e-book que a Ultimato oferece gratuitamente aos leitores e leitoras do Portal.

Reunimos artigos e história de gente - de gerações diferentes - comprometida com o reino de Deus. Você vai aprender conceitos, mas também vai ser encorajado com histórias fascinantes de jovens que descobriram sua vocação.

O subtítulo deste e-book coloca dois verbos (“ser” e “fazer”) em aparente contraponto. Mas, na verdade, é mais correto afirmar que ambos estão inseridos em uma jornada, um caminho, uma trilha de fé no Deus que fala conosco em todas as circunstâncias.

* * *

“Este livro falará ao seu coração e lhe dará claro direcionamento para que compreenda e persiga a vocação de Deus em sua vida. Leia-o com a mente pronta e o coração aberto”. [Ronaldo Lidório, *missionário e antropólogo*]

ISBN: 978-85-7779-134-7



9 788577 791347



AMTB
Associação de Missões
Transculturais Brasileiras

VOCARE
TURN THE WORLD UPSIDE DOWN